



3 1761 07048044 7

JUNQUEIRO

PROSAS

DISPERSAS







PRÓSAS DISPERSAS

OBRAS DO MESMO AUTOR

---

<i>Velhice do Padre Eterno.</i>	<i>Oração á Luz.</i>
<i>Patria.</i>	<i>Baptismo do Amor.</i>
<i>Finis Patria.</i>	<i>Vitoria da França.</i>
<i>Poesias Dispersas.</i>	NO PRELO:
<i>Oração ao Pão.</i>	<i>Horas de Combate.</i>

O presente volume *Prosas Dispersas*, foi primitivamente anunciado sob o titulo *Clarões Espirituais*.

---

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES

---

*A propriedade literaria e artistica está garantida em todos os países que aderiram á convenção de Berne — (Em Portugal, pela Lei de 18 de março de 1911. No Brasil, pela lei n.º 2.577 de 17 de Janeiro de 1912).*

---

PORTO — IMPRENSA MODERNA

GUERRA JUNQUEIRO

---

PROSAS DISPERSAS



PORTO  
LIVRARIA CHARDRON,  
DE LÉLO & IRMÃO, L. da, EDITORES  
R. DAS CARMELITAS, 144  
AILLAUC E BERTRAND - LISBOA-PARIS

1921

PQ

9261

G8P7

1921





## O SACRÉ-CŒUR

---



no alto de Montmartre, dominando Paris. Topografia simbolica, desafio da Igreja á Revolução. D'aquella altura, a cidade fabulosa dir-se-ia o plano topografico, a *maquete* efemera duma Babilonia colossal. A cupula de oiro dos Invalidos lembra, pela forma e pelas dimensões, um capacete persa flamejante, e os dois braços amputados das duas torres de Nôtre-Dame tem dez metros de altura, quando muito. Do estrondoso e eston-

teador *brouhaha* da vida de Paris não chega áquela iminencia religiosa mais do que um largo murmúrio evaporado, como que o halito longinquo, a resonancia extinta d'alguma forja de cyclopes.

O templo, enorme, é de arquitetura bizantina. O gotico fugitivo, esvelto e rendilhado, principiando n'um soluço, erguendo-se n'um ai, e terminando, exanime, n'um grito de flecha agudo e lancinante, era pouco solido.

Na cathedral quasi que ha mais alma do que marmore. Mesmo de granito, chega a ser incorporea. As suas colunas, d'uma tenuidade vertiginosa, sobem instantaneas, como o raio desce. São, por assim dizer, jactos de fé petrificados, troncos rectilineos de palmeiras misticas, que se embebem sofregamente pelo azul, expluindo lá cima n'uma girandola de nervuras, n'uma ramaria concava de abobadas. A imponderabilidade extatica e descarnada ergue-a

da terra, mina-lhe o alicerce. É bela, é sublime, mas fragil. Um sopro a leva.

O Sacré-Cœur é, como devia ser, uma fortaleza bizantina. Levantada ousadamente no alto de Paris, tem a defender-se de Paris. Os muros são d'uma espessura de monumento egipcio. Ha n'aquella arquitetura o quer que seja de engenharia militar. É um reduto de dogmas.

Não está concluido. Falta-lhe o tecto por emquanto. A maciça obesidade inabalavel dos enormes pilares ascende vagarosamente á força de monolitos, á custa de toneladas. Que differença do templo gotico, por cujas agulhas, incisivas e aereas, a alma se evade, como um fluido electrico, chegando-se a procurar lá no alto, no tampo das torres, no ápice das flechas, crepita-mentos de estrelas, santelmos de orações...

Fui ao Sacré-Cœur em Junho, n'um domingo esplendido. A luz um sorriso, o azul uma benção. Havia n'esse dia uma ro-

magem. Cinco a seis mil devotos, pelo menos. Encorporei-me no prestito que, antes de entrar, deu uma volta á igreja imensa, entoando n'um côro, melancolicamente formidavel, uma especie de marsehesa do amor divino, um cantico abrasador de esperança e de piedade, em que havia ao mesmo tempo rugidos indomitos de oceano, reboadas de angustia, trinos de innocencia, ais de viuvez.

Primeiro desfilaram os homens, graves, modestos, respeitaveis, com aquele ar de nobreza fisionomica de quem possui uma crença, uma luz interior, uma alma simples.

Depois as mulheres, esposas e mães, que vinham ali acrisolar a sua fé, balsamo unico para as lutas da vida, para as amarguras do destino.

Depois, como aleas ridentes de amendoeiras em flor, centenas de virgens virginais, o labio puro, a fronte candida, o

olhar transparente, todas envoltas da cabeça aos pés em nuvens aereas de muselina, d'uma graça intacta, d'uma alvura de pombas. Dir-se-iam corpos de açucenas vestidos em tunicas de luar.

Por ultimo, a infancia, pequerruchos de 6 a 8 anos, botões de rosa, embriões de almas, a passinhos miudos, n'um encanto de gloria, n'um extase de sonho.

E as vozes dos homens, masculas e robustas, casavam-se com as vozes plangentes e lagrimosas das mulheres, com a angelica e translucida pureza do cantico das virgens e com o balbuciamiento cristallino dos mil gorgeios infantis.

Encheu-se o templo e começou o sermão. O tecto da igreja era o ceu azul. As dalmaticas do clero e os estandartes dos peregrinos, tecidos a prata, bordados a oiro, dardejavam frementes. O prégador falava de ao pé d'um altar provisorio de madeira, coberto a damascos. Dezenas e

dezenas de borboletas brancas volitavam sobre a multidão ajoelhada, sobre a cruz do sacrario e sobre a teologia do prégador.

A Igreja vive ainda e viverá, senti-o n'essa hora, do cristianismo eterno que tem dentro.

Por isso, a Igreja se não destroe, perseguindo-a, arrancando-lhe o oiro das arcas, os aneis dos dedos, os brocados do corpo. Nos dias sublimes e longinquos da sua infancia maravilhosa, rôta, sem pão, descalça, viveu em antros, gemeu nas galés, os tigres morderam-na, varou-a o ferro, queimou-a o fogo, trezentos anos a perseguiram, milhões de vezes a crucificaram, e, das continuas mortes da sua carne, ergueu-se, ilesa e luminosa, a sua immortalidade espiritual. E quando mais tarde, dominadora e deslumbrante, no trono de Cesar, foi a rainha unica do mundo, para quebrar-lhe a omni-

potencia, bastou a voz d'um monge solitario.

A dor eleva, a dor exalta, a dor diviniza. O cristianismo gerou-o o Amor e a Dor, nasceu, escorrendo sangue, n'uma cruz. A opulencia pagã da Igreja foi o crime da Igreja. Quanto mais simples e mais humilde, mais vitoriosa e mais robusta.

Tambem se não destroe a Igreja, destruindo Jesus. A essencia do cristianismo é universal e é eterna, imanente á vida. Houve cristãos sem conta antes de Cristo, cada santo que surge é um continuador de Cristo que aparece, e todo o homem que, sendo deista, se eleva a um alto grau de moralidade, torna-se por esse facto um cristão verdadeiro. Cristo é filho do Espirito Divino, porque é filho do ideal humano sublimado, e este é o reflexo directo do Espirito de Deus.

Negar o cristianismo implica, pois, uma loucura monstruosa: negar Deus.

Muitos o negam verbalmente, e a êle se encaminham pela virtude e pelo esforço. E outros, que se julgam íntimos de Deus, nem de longe o conhecem, porque a todo o momento o estão negando nos seus actos, embora o afirmem nas palavras, loucas umas vezes, outras vezes hipocritas.

Deus é a infinita perfeição, porque é Amor Infinito, sentindo e vencendo a infinita dor. Os mais amorosos são os que mais se lhe chegam, e os mais egoistas, os mais afastados e os mais ímpios.

O mundo caminha para um cristianismo integral, puro e perfeito, que absolutamente harmonise coração e razão, ciência e fé, natureza e Deus.

A escola sem Deus é o infinito sem rumo, é o universo morto, decapitado.

1888. (1)

---

(1) Este artigo foi escrito em 1888. Corrigi-o, creio, em 1904 e publiquei-o depois na *Alma Nacional*. Agora emen-



dei-o de novo, eliminando variâs passagens, umas inúteis ou deficientes, outras condenadas hoje pelo meu espirito.

Eu tenho sido, devo declarar-o, muito injusto com a Igreja. «A Velhice do Padre Eterno» é um livro da mocidade. Não o escreveria já aos quarenta anos. Animou-o e ditou-o o meu espirito cristão, mas cheio ainda d'um racionalismo desvairador, um racionalismo de ignorancia, estreito e superficial. Contendo belas coisas, é um livro mau, e muitas vezes abominavel. Ha na grandiosa historia do catolicismo paginas de horror, mas a Igreja com os Evangelhos cristianizou e salvou o mundo. No catolicismo existem absurdos, mas no amago da sua doutrina resplandecem verdades fundamentaes, verdades eternas, as verdades de Deus. A força moral do catolicismo é hoje imensa, não pode negar-se.



# ANTERO DE QUENTAL

---

O DRAMA DA SUA VIDA

## I



OUVE em germen, em Antero de Quental, um santo, um filosofo e um heroe.

*Heroe*, isto é, o idealista trabalhador, o visionario homem de ação, o revolucionario ardente e generoso, cuja figura impavida se destaca com um relevo belico de atleta e uma fulgurancia juvenil de aventureiro iluminado. É o Antero da mocidade. Conheci-o ainda. Mostraram-me há dias um retrato d'essa época. Era ele, lá

estava a mesma cabeça resplandecente e vigorosa: a juba de oiro leonina, a testa curta de Hercules Farnesio, o olhar azul, cheio de intrepidez e de candura, e o labio virgem, d'uma pureza helenica, d'uma frescura silvestre e matinal. Este Antero, impetuoso e combatente, alegre figura indomita de paladino, morreu novo.

*Filosofo*, isto é, o espirito abstracto e metafisico, vivendo não a vida efemera e relativa das aparências e dos fenomenos, mas a vida invisivel e intima do universo, interrogando não o *como*, mas o *porquê* da existencia, librando-se, avido de infinito, no Tempo e no Espaço, a contemplar até á morte o enigma eterno.

Nas almas mediocres e superficiais actua sobretudo a realidade transitoria das linhas e dos sons, das fórmulas e das côres. As naturezas elevadas, ao contrario, são sempre subjectivas e metafisicas.

Explicar a existencia, attingir o infi-

nito, eis para elas o martirio cruciante, a necessidade inexoravel. E á medida que os anos decorrem, que os appetites se extenuam, que a animalidade se adelgaça, mais o espirito idealista se vai libertando das exterioridades enganadoras do mundo tangivel e material.

Em Antero foi inato e precoce, irresistivel e organico, esse dom de filosofia, de curiosidade transcendente. Desde moço ao fim da vida cravou os olhos hipnotizados no misterio supremo do *au delà*.

As teorias duravam-lhe meses ou semanas, mas, aniquilada uma, architectava outra, porque o seu pensamento superior não podia exilar-se do infinito sem raias para a mesquinhez anecdotica da estreita vida dos sentidos.

Emquanto novo e combatente, a acção equilibrou n'ele a contemplação, e a plétora de saude e o movimento da luta não lhe deixavam derivar todas as energias

animicas para as regiões supremas e vertiginosas da eternidade e do absoluto. Era um balão cativo. A doença partiu o cabo, e lá foi o aerostato levado pelos ares, através de nuvens, através de raios, através de estrelas, n'um vôo de aguia alucinada e fabulosa, até desaparecer e engolfar-se para sempre no abismo infinito, onde as miriades sem conta de nebulosas e de mundos são argueiros invisíveis e fogos-fatuos instantaneos.

O *santo*, isto é, a alma para quem a virtude é o fim unico da vida, o motivo soberano da existencia. Antero aliou á grandeza intelectual a grandeza moral. Ao talento correspondia o character. Razão vigorosa, consciencia limpida. Ha moralistas imoralissimos. Em Antero, concordancia plena, identificação ininterrupta do escritor com o homem. Mais bela ainda que os seus livros, a sua vida.

Mas nem o heroismo, nem a filosofia,

nem a virtude criariam, de per si só, o grande, o imorredoiro poeta dos dois ultimos livros dos Sonetos. O poeta anterior era de segunda ordem. Quem operou então a maravilha? O sofrimento. A doença, aniquilando-o, immortalizou-o.

## II

Analizemos um pouco.

A personalidade de Antero, inicialmente, desdobra-se da seguinte forma:

Consciencia de justo, cristalina, limpi-da, inalteravel, levando, pelo cumprimento do dever, ao heroismo e á santidade.

Razão metafisica, inquieta e perplexa, ardentemente buscando o segredo do ser, o enigma da existencia, o destino do homem.

E, emfim, um principio morbido, (al-

mas inferiores) no organismo ligado ás duas modalidades supremas, e, ora adormecido ou vencido, deixando-as expandir livremente, ora rebelde e venenoso, intoxicando a vontade, agonizando a razão, mas nunca destruindo o brilho virginal e perenne da consciencia e do character.

A vida de Antero, desenrolando-se harmonica e luminosa, n'um jôgo acorde e fecundo da consciencia e da razão, sem que o elemento morbido, por crises, lhe houvesse nunca dificultado ou modificado a trajectoria, dar-nos-ia decerto, não talvez um grande poeta, mas antes um grande heroe, ou um grande santo. *Não um grande poeta*, tomando a palavra no sentido restrito da literatura, pois que, na essencia e verdadeiramente, é Nun'Alvares ainda maior poeta do que Camões e S. Francisco de Assis maior poeta do que Nun'Alvares. Heroismo, genio, virtude, — três momentos do mesmo ser, três apparencias da mes-



ma realidade: O Espírito evolucionando para Deus.

Em Antero, dada a sua nobreza moral, a filosofia não significa apenas a curiosidade do intellecto. A ideia torna-se n'ele em condutora da vida, em norma da existência. As abstrações fazem-se sangue, o verbo faz-se carne.

Ha, como disse, naturezas de moralidade baixa e mentalidade superior. Em Antero, o senso moral não desfalece nem hesita. Mas no heroe e no santo as ideias, logo que nascem, traduzem-se em actos. Pensar é executar, conceber é realizar. Em taes creaturas, a alma divina subjuga e vence as suas almas inferiores. E dominando-as, dominam o mundo.

Porque não foi Antero um d'esses homens?

Por duas causas:

A influencia deletéria do elemento morbido e a disparidade continua da consciên-

cia e da razão, ante o problema metafísico.

A consciência, agulha reveladora, marcando, imóvel, o seu norte, — Deus. A razão, inquieta e desvairada, oscilando, febril, n'uma tremura de angustia, hoje apontando o desalento, amanhã o desespero, uma hora, a indiferença, outra hora, a duvida, fechando cada periodo de anciedade por um momento de equilibrio, equilibrio que de novo se destroe para de novo se encontrar, e que só ao cabo de vinte anos definitivamente se realiza, pela comunhão de toda a alma na luz absoluta da mesma fé.

Por noite negra e mar tormentoso, um barco fragil a duas bussolas guiado, esta indicando sempre a unica estrelinha do horizonte, aquella, meia louca, continuamente vacilando, paralelas ambas de fugida, logo diversas e contrarias, até se fixarem, por ultimo, na direcção unanime da mesma estrelinha redentora.

D'ahi, a ausencia d'aquella unidade psicologica caracteristica dos grandes heroes e dos grandes santos; d'ahi, a terrivel batalha espiritual que fez de Antero um homem de genio, por fazer d'ele um extraordinario desgraçado.

O drama da Consciencia e da Razão, eis, afinal, a obra.

Destruida aos dezoito anos a unidade da alma pela morte da crença, a Razão liberta-se, o drama principia. Varias vezes o escreve, e outras tantas o renova, e de cada vez mais intenso, mais largo, mais profundo. Os dois ultimos livros dos Sonetos são o drama definitivamente imortal. As versões anteriores, onde ha paginas admiraveis, não chegam ainda á grandeza epica e soberana que o tempo não amesquinha, que a eternidade não dilue. É que no poeta das odes agita-se ainda o revolucionario. Os entusiasmos do batalhador encurtam a visão do filosofo. O cho-

que das armas embebeda-o, a colera exalta-o, e o cisco da arena revolvida empana-lhe as profundidades do horizonte. Soldado bravio e generoso, das rimas faz lanças, das odes faz metralha. Imprime á sua arte um cunho indelevel de nobreza moral, mas diminue-lhe o alcance e a estabilidade, pelo ardor momentaneo que a produz, pela ideia efemera que a vitaliza. Arte incompleta.

Chega a hora divina, a hora do sofrimento. Ei-lo por terra, o lutador. Em bocados a lança, crivado de golpes, agoniza imóvel. Um rebelde exausto, um Prometheu paralitico. Quasi um cadaver.

O mundo concreto, o mundo das formas, evaporou-se. Nem pés para o andar, nem mãos para o palpar, nem olhos para o ver. Onde estava? No Infinito. A que horas? O quadrante da ideia marca uma unica, — a Eternidade. O Espaço, eis o lugar; o Tempo, eis o minuto.

E é n'esse cenario formidavel que o drama titanico vai desenrolar-se

Drama genial. Tinha de o ser.

A consciencia virtuosa do justo mais bela do que nunca. A razão do filosofo, exaltada, amargurada e patetica. E a forma do artista, isenta de contagios, grandiosa e simples.

E o drama, em si, o mais alto e veemente que no espirito humano se desencadeia e tumultua. O drama da Vida e do Destino.

Porêm, só a razão e a consciencia, aliadas á arte, não o gerariam ainda. Dos elementos d'um corpo ao corpo vivo, que distancia enorme! Que é um diamante? Carbone puro. Que é um rubim? Aluminium, borax, cromato de potassa. Mas que temperaturas prodigiosas, que combinações desconhecidas, que electricidades genesicas, para d'ahi formar a estrela d'um diamante ou a lagrima sanguinolenta d'um rubim!

Na obra imortal do poeta a centelha divina foi o Amor e a Dor. E que admira que produzisse o Genio, se ela quasi produz a Divindade! D'um justo, atribulando-o, faz um santo, e d'um santo, crucificando-o, faz um anjo. A evolução da natureza, desde um mineral até um Cristo, desde um infusório até um Buda, não é mais que a infinita passagem do amor através do sofrimento, do espirito através da dor. Em vidas sem conta, em vidas inumeráveis, pelo Amor e pela Dor, pode a alma vegetal da cruz attingir quasi em perfeição a alma celeste do seu crucificado.

1894.

# O CANTADOR

(PREFACIO AO LIVRO DO CANTADOR DE SETUBAL)

---



QUE titulo augusto, que nome ideal para um vivente, — o Cantador!

O homem que canta! Este verbo cantar é sagrado, como o verbo florir ou o verbo resplandecer. Os ritmos silentes do universo traduzem-se pelo som nos ritmos do canto. Cantar é divinizar o som. A vida inteira é harmonia inteira. Quer os globulos do sangue, quer os globulos astrais movem-se por musica. Um sol é um orgão e a luz

uma sinfonia esplendorosa. O prisma decompõe-na, a optica descreve-a, mas defini-la só o canto. O canto, mathematica viva, eis o revelador da natureza, a lingua suprema do universo.

O Cantador! Que nome ideal para um destino! Ser o cantador, ser a voz da agua e do vento, da rocha e da floresta, dos homens e dos monstros, dos infusorios e dos soes, das nebulosas e dos atomos! Cantar o riso, o beijo, o olhar, a dor, a lagrima! Cantar o sangue impetuoso, as seivas geneticas, os fluidos radiantes, as marés vitais, as electricidades criadoras! Cantar as fórmulas e as essencias, numeros que dizem ideias, linhas que desenhavam espiritos! Cantar a marcha heroica e resplandecente do lodo para o verme, do verme para o tigre, do tigre para o homem, do homem para o anjo, dos anjos para Deus! Cantar o Gologota do Sêr, a Paixão do Viver, a cruz eterna e formidavel que a natureza leva aos



ombros! Cantar, emfim, o amor e a dor, o drama religioso do universo. E o drama do universo cantá-lo ao universo inteiro, desde a cinza da urze ao pó dos astros infinitos. Ser o Cantador! não ter outro nome. Quem és? O Cantador. Quem te criou? A vida imortal. Onde nasceste, onde moras? Na vida imortal. Que fazes? Sou o Cantador, canto a vida imortal. E o ultimo suspiro mandá-lo á vida imortal, no seu ultimo canto! Ah! como eu te invejo, meu pobre e humilde Cantador de Setubal! Tu foste, na tua ignorancia, a alma lirica e luminosa dos deserdados e dos simples. Foste o éco risonho das suas alegrias, a voz amorosa e meiga dos seus desalentos e pesares. Canto de cuco, sempre o mesmo canto, singelo e monotono! Embora. A raiz chupa ao lôdo a flor que nasce na vergontea. Tu, do lôdo da vida, extraístes a canção que é a flor em musica. Mas a flor vem de ano a ano, e tu andas florido, que primavera! ha

mais de meio seculo. És o Cantador! És o Cantador! Por mais de meio seculo, ao ritmo do teu macete martelando no escopro, aparelhaste barcos e canções: barcos levando esperanças e miserias, canções levando lagrimas e risos. E que são barcos senão harmonias flutuantes? Uns em aguas cristalinas deslizam como idolos, outros, como epopeias, sulcam voragens e tormentas. Sob o esplendor de ocasos outonais, recordo-me de vêr em baías ermas, galeras melancolicas, a concha sinuosa, os mastros nus e fugitivos, aereamente destacando, á luz ideal, as cordas leves e purissimas. Não são navios, dizia eu, são harpas boiando, harpas gigantes que flutuam. Harpas de sonho, para dedos de sombra e misereres de luar...

Mas agora dou fé que, sem o querer, estou cantando e não percebes o canto. Falar-te-hei com simplicidade, para que me entendas.

Não sabendo lêr nem escrever, és um grande poeta, meu ignorante e ignorado Cantador de Setubal. Os grandes poetas são os grandes homens e a grandeza humana, aos olhos de Deus, mede-se pela virtude, pela innocencia, pelo sentimento verdadeiro da nossa alma, pela ternura infantil do nosso coração. Ora, a tua bondade, meu velho, exalá-se das tuas cantigas sem arte, como um aroma delicioso d'um matagal inculto, que nasceu entre pedras. O vicio não te manchou, o crime não te desonrou. Ganhaste com o suor da fronte o pão de cada dia, com a alma em Deus abriste o olhar a todas as manhãs, e todas as noites, tranquilo, na misericordia de Deus adormeceste. Arrancaram-te lagrimas piedosas os tormentos do mundo, guerras, fomes, flagelos, desastres, miserias, iniquidades. Amaldiçoaste a soberba, cuspiste no dolo e na tirania. Bondade ingenua, pobreza santa, alegria clara, eis o resumo simples da

tua vida. Bem poucos mórtais, á hora extrema, poderão dizer o que tu dizes:

Nunca fui mal procedido,  
Nunca fiz mal a ninguem ;  
Se acaso fiz algum bem,  
Não estou d'isso arrependido.  
Se mau pago tenho tido,  
São defeitos pessoais ;  
Todos seremos iguais  
No reino da eternidade :  
Na balança da igualdade  
*Deus sabe quem pesa mais.*

Sim. Na balança invisível da igualdade, na balança de Deus, acaso pesarão mais as tuas cantigas de analfabeto que muitos poemas illustres, já consagrados pela historia. Maior do que eu és tu, sem duvida. Maior, porque és melhor. Tu foste bom continuamente, e eu, querendô sêl-o muitas vezes, poucas o fui, na realidade. Venero-te. Venero em ti a beleza unica, a beleza moral.

Cantador humilde, Cantador velhinho,  
em paga do meu affecto, manda-me de lon-  
ge a tua benção.

1901.



## RAUL BRANDÃO

(CARTA-PREFACIO AOS « POBRES »)

---



SEU livro é a historica patética d'uma alma. Qual? A do Gebo, a de Luiza, a de Sofia, a da Mouca, a dos *Pobres*, emfim? Não. A sua. Historias diversas que se resumem n'uma historia unica: a da sua alma, transitando almas, a da sua vida, percorrendo vidas. Autobiografia espiritual, dilacerada e furiosa, demoniaca e santa, blasfemadora e divina. Cinfissão verdadeira, plena, absoluta d'um organismo que sente a musica misteriosa

do universo, d'um coração que repercute a dor eterna da natureza, mas que só ao cabo de oscilações, duvidas e desanimos, coordena a idealidade do ser com as apparencias do ser, o espirito com as formas, o Deus, — amor e beatitude, com a materia, — crime e sofrimento.

Não vejo diante de mim um poema estéril, obra dos sentidos, da imaginação e da volupia. Vejo um acto profundo, espontaneo, de imensidade religiosa. O homem que se confessa abala-me e deslumbra-me. Não a confissão mentirosa, a confissão vulgar, da bôca que tem dentes, para o ouvido que tem sombras. Não a confissão-analise, a confissão d'os criticos, rol de intelligencia, catalogo de ideias. Mas a esplendida confissão das almas vertiginosas, desagregando-se, transidas de eternidade e de misterio. Como o fogo devorador dissocia o rochedo, ha lavaredas ignotas que dissociam as almas. E, se tais almas se desdobram, a na-



tureza denuncia-se. O homem é um resumo ideal da natureza. Andou o infinito e lembra-se; andar<sup>á</sup> o infinito e já o sonha. Quando o genio explue, conta-nos a natureza a sua historia. O genio supremo é o santo. O verbo santo, eis a lingua clara do universo.

As confissões augustas são as dos poetas e dos santos. No homem vulgar, a personalidade rigida encarcera e coalha as personalidades volateis e difusas. O inconsciente imenso não acorda, porque está, como um aroma, dentro d'um bloco duro, impenetravel. É o sonho cativo n'um ovo hermetico de bronze. As almas emotivas dos grandes visionarios, essas conservam aquela graça radiante, aquela omnipresença espiritual que as deixam embeber, mover, existir na fraternidade cosmica e divina. O sonhador dos *Pobres* é um evocador atormentado e religioso. Busquei no seu livro a imagem ardente da sua alma. Vamos vêr

se a desenho com rapidez e precisão.

Alma vibratil e fugaz, olhando a natureza, o que sentiu? Assombro, esplendor, pavor, enigma, deslumbramento. Tudo vive, deseja, estremece, palpita, murmura e sonha. Tudo vive, tudo vive: o homem, a fera, a rocha, o lôdo, a agua, o ar, braseiros de mundos, aluviões de nebulosas, incorporeidade genesica do eter. Fervidoiro de vidas insondaveis que o tempo não esgota, porque a morte criadora continuamente o desorganiza e reproduz em formas novas e diversas. E todas se cruzam, beijam, penetram, correspondem. É uma teia vertiginosa de fios sem fim, de fios moveis, ondeantes, cambiantes, urdindo-se ela mesma, na eternidade impenetravel, sem ninguem vêr o tecelão. Rigidez, solidez, inercia, não existem. Na fraga mais dura, no bronze mais compacto, circulam desejos, dramas, turbilhões de meculas e vontades. As cordilheiras inabalaveis são rede-

moinhos dentro de enxovias. O concreto dilue-se, o material evapora-se. O sol, tombando, aniquilaria cardumes de planetas, e a luz do sol, que é sol volatilizado, pesa menos que uma folha de rosa na mão d'uma criança. Em cada bloco metalico latejam oceanos dormentes, de vagas fluidas, invisiveis. Acordem-nos, e o bloco obtuso, electrizado, irradia no eter. Vêde um penedo monstruoso: Parece firme. Desagregou-se, e é lama; a raiz tocou-lhe, e é seiva; a seiva gerou, e é flor e fruto; o fruto, alimento; o alimento sangue; e o sangue vermelho, corpo que caminha, carne que fala, cerebro que pensa. Natureza! universo!... Vidas infindaveis eternamente circulando n'uma vida unica. Assombro, esplendor, pavor, deslumbramento! O homem vacila, desmaia, quer equilibrar-se... mas onde, se não ha terra em que poise, nem muro a que se encoste?! Tudo impalpavel, fugaz, incerto, ilusorio, ilimitado... tudo vida, tudo

sonho, tudo voragem... Se baixa os olhos do imenso ao grão de areia, o grão de areia, infinitesimo, resolve-se-lhe em vidas infinitas. Quer contemple o universo, quer examine um corpusculo, a alma engolfa-se, estonteada, no mesmo abismo devorador e criador.

Abismo de apparencias occultas, abismo de vozes que se não ouvem. A natureza taciturna exprime-se magicamente, em linguas vagas, silenciosas. E quando n'um pouco de cisco murmuram mais vontades do que bôcas humanas ha na terra, o que não dirá o colloquio formidando de todas as vontades do Universo! Tem cada organismo a sua lingua peculiar. Os que vivem mais proximos entendem-se melhor. O ar segredá á agua, a raiz ao lôdo, a luz á folha, o polen ao ovario. Ha fluidos que se casam, raizes que se querem bem. O oxigenio é intimo do ferro, o azougue é intimo do ouro. Os orbes fraternizam, os metais amal-

gamam-se, e as electricidades sexuadas buscam-se avidamente, para copular!

Materia infinita, — forças infinitas, infinitamente caminhando. E no pelago vertiginoso da mobilidade universal é cada atomo invisível um desejo que nasce, um desejo que sente, um desejo que fala...

O lexicon, sem principio nem fim, das vozes mudas do increado, das linguas tacitas da natureza, alguém o ouviu que se recorde? Alguém. O homem, crisalida do anjo, foi monstro e planta e verme e rocha e onda; foi nebulosa, foi gaz impalpavel, foi eter invisível. Articulou todas as linguas, e d'elas conserva, obscuramente, vagas memorias dormitando. Por isso, os poetas adivinham, e raros com a intuição prodigiosa do meu amigo.

Abreviando: A sua alma, diante do universo, reagiu por tres formas ou em tres fases emotivas. Estudei a primeira, — *a emoção dinamica*. O mundo resolve-se-lhe

n'um jogo de forças, n'um conflito de vontades, brigando, casando-se, transfigurando-se em apparencias rapidas, illusorias. Tudo se move, tudo quer e tudo vive.

Mas, que é a vida? Chega á segunda fase. Deslisa da emoção dinamica á emoção moral. Depois de ver o mundo através dos sentidos, julga-o através da razão e da consciencia.

Que é a vida?

A vida é o mal. A expressão ultima da vida terrestre é a vida humana, e a vida dos homens cifra-se n'uma batalha inexoravel de appetites, n'um tumulto desordenado de egoismos, que se entrechocam, rasgam, dilaceram. O Progresso, marca-o a distancia que vai do salto do tigre, que é de dez metros, ao curso da bala, que é de vinte kilometros. A fera, a dez passos, perturba-nos. O homem, a quatro leguas, enche-nos de terror. O homem é a fera dilatada.

Nunca os abismos das ondas pariram

monstro equivalente ao navio de guerra, com as escamas de aço, os intestinos de bronze, o olhar de relâmpagos, e as bôcas hiantes, pavorosas, rugindo metralha, mastigando lavaredas, vomitando morte.

A pata pre-historica do atlantosauro esmagava o rochedo. As dynamites do quimico estoiram montanhas, como nozes. Se a presa do mastodonte escavacava um cedro, o canhão Krup rebenta baluartes e trincheiras. Uma vibora envenena um homem, mas um homem, sozinho, arrasta uma capital.

Os grandes monstros não chegam verdadeiramente na época secundaria; apparecem na ultima, com o homem. Ao pé d'um Napoleão, um megalosauro é uma formiga. Os lobos da velha Europa trucidam algumas duzias de viandantes, enquanto milhões e milhões de miseraveis caem de fome e de abandono, sacrificados á soberba dos principes, á mentira dos fariseus e á gula

devoradora da burguezia cristã e democratica. O matadoiro é a fórmula crua da sociedade em que vivemos. Uns nascem para rezes, outros para verdugos. Uns jantam, outros são jantados. Ha criaturas lobregas, vestidas de trapos, minando montes, e criaturas esplendidas, cobertas de oiro e de veludo, radiando ao sol. No cofre do banqueiro dormem pobreza metalizadas. Ha homens que ceiam n'uma noite um bairro funebre de mendigos. Enfeitam gargantas de cortezãs rosarios de esmeraldas e diamantes, bem mais sinistros e lutosos que rosarios de craneos ao peito de selvagens.

Vivem quadrupedes em estrebarias de marmore, e agonizam párias em alfurjas infectas, roídos de vermes. A latrina de Vanderbilt custou aldeolas de miseraveis. E, visto os palacios devorarem pocilgas, todo o *boulevard* grandioso reclama um quartel, um carcere e uma forca. O deus milhão não digere sem a guilhotina de senti-



nela. Os homens repartem o globo, como os abutres o carneiro. Maior abutre, maior quinhão. Homens que teem imperios, e homens que não teem lar.

Os pés mimosos das princezas deslizam, luzentes de oiro, por alfombras, e os pés vagabundos calcam, sangrando, rochedos hirtos e matagais. Bebem *champagne* alguns cavalos de *sport*, usam aneis de brilhantes alguns cães de regaço, e algumas criaturas, por falta d'uma côdea, acendem fogareiros para morrer. Bemdito o oxido de carbone que exala paz e esquecimento! E a natureza insensivel ao drama barbaro do homem! Guerras, odios, crimes, tiranias, hecatombes, desastres, iniquidades, deixam-na tão indifferente e inconsciente, como o rochedo imovel, bulindo-lhe a aza de uma vespa. O clamor atroador de todas as angustias não arranca um ai da imensidade inexoravel. A aurora sorri com o mesmo esplendor aos campos de batalha ou ao

berço infantil, e as ervas gulosas não distinguem a podridão de Locusta da podridão de Joana d'Arc. Reguem vergeis com sangue de Iscariote ou com sangue de Cristo, e os lirios inocentes (estranha inocencia!) desabrocharão, igualmente candidos e nevados.

A humanidade, emfim, é a vitoria dos arrogantes sobre os humildes, dos fortes sobre os debeis, da besta sobre o anjo. E tendo de escolher entre vencidos e vencedores, entre o amor e o odio, o mal e o bem, o riso e as lagrimas, o seu coração misericordioso de poeta inclinou-se espontaneamente para a Dor, como as vergontees para a luz.

A dor é o seu deleite. Busca-a, desejo febril! — por hospitais, por cadeias, por antros, por alcoices. Fareja-a de noite nos bairros leprosos, cloacas de humanidade, vasadoiro de almas, onde crimes, virtudes, vicios, angustias, raivas, desesperos, fer-

mentam promiscuamente, aglomerados e abandonados, como esterqueiras, como entulhos. Pesquisa dedalos caliginosos, cafunas sem fundo, abismos hiantes, boqueirões de sombra. Explora desvãos, trapeiras, minas, covas, esconderijos. Louco de piedade, engolfa-se nas trevas mudas e soturnas, que gotejam sangue, nas roucas escuridões tumultuosas, pávidas de gemidos, cortadas de clamores, anavalhadas de blasfemias.

E do amago d'essas noites insondaveis pululam turbas espectrais de crucificados, hordas de monstros, bandos de miserias, cardumes de abominações e de agonias, Ululam tropeis disformes e sangrentos, regougam fauces patibulares, choram, coroadas de ulceras, Madalenas lividas, bôcas de escarneo crocitan, sem dentes e sem pudor, arquejam ralas estertorantes, gemem crianças vagabundas, tosem tísicos, ardem febres, luzem gangrenas e podridões... E tudo vago, indistinto, confuso, n'um ru-

mor longo e subterraneo. Não se destacam, não se desenham as formas. Olhos, bôcas, gestos, relampeando na sombra... Nada mais. A sombra voraz esbate as linhas e os contornos. É o mundo caotico da miseria, que a noite putrida gerou e a noite soturna ha-de engulir... É o seu mundo, o mundo dos pobres, meu grande visionario, quasi desconhecido e genial.

Homens de gosto coleccionam quadros ou estatuas. O meu amigo colecciona dor. Não em galerias ou museus, como quem se dedica ao estudo biologico das varias formas de sofrer. Quando uma chaga aterradora o surpreende, não a envazilha n'um frasco, guarda-a no coração.

Conta-lhe os ais, não os microbios. Em vez de a analizar, decompondo-a, analisa-a beijando-a. No seu laboratorio quimico existe apenas um reagente que dissolve tudo: lagrimas.

O poeta dos *Pobres* não é um romancis-

ta. A alma do evocador fluidicamente se desagrega nas almas de sonho que ele evoca. Dir-se-iam espelhos, brancos, verdes ou azuis, planos, concavos ou convexos, reflectindo todos eles um unico semblante, que julgamos distinto, porque aparece deformado.

Chamei aos *Pobres* uma confissão religiosa. Não ha duvida. Os seus pobres, meu amigo, são bôcas de visões, articulando a alma d'um vidente. Falam a sua lingua e contam-nos a sua historia. Não a historia, no minuto e na rua, do homem-sicrano, mas a historia, no espaço e no tempo, do homem infinito, que vem de Deus e para Deus caminha.

No drama dos *Pobres* ha duzias de actores e um só personagem: o dramaturgo. As suas figuras não constituem individualidades reais, caracteres verosimeis, logicamente architectados e definidos pelas inumeras causas de existencia, conglobados em duas

ordens genericas, — a herança e o meio. Os seus ladrões, assassinos e meretrizes, não roubam, não matam, não copulam: sofrem. Sofrer, eis o seu mister. Mouca, Luiza, Gebo, Golim, — pseudonimos. O nome real, o nome verdadeiro de todos eles é um só: a Dor.

Inevitavel. Desde que o meu amigo rasgou as mascaras enganadoras ao Universo, para lhe descobrir a essencia e natureza intima, e desde que a lei do Universo é o predominio do mais feroz e do mais forte, toda a imensa humanidade, tumultuosa e varia, se resume logicamente em dois homens apenas: o algoz e a vitima, o homem que sofre e o homem que faz sofrer. Os bons são os que padecem. A miseria, mesmo sinistra e delinquente, é já um principio de virtude. Nenhum dos ladrões, nenhuma das prostitutas do seu poema resvalaram ao vicio ou ao crime por vontade propria, por fatalidade fisiologica. Obrigou-os a fome, cal-

cou-os a injustiça. A sua infamia e a sua ignominia são a avareza ou a luxuria dos homens opulentos e devassos. Todos os ricos, ainda os caridosos, são perversos, e todos os miseraveis, ainda roubando ou esfaqueando, são criaturas boas, porque são victimas dos primeiros. Os retratos dos benefeitores do seu hospicio (pag. 59) parecem-lhe «uma galeria de afogados, todos solemnes, ricos e maldosos, hirtos, de labios finos e ar de cerimonia.» E as alfurjas, cadeias e prostibulos, onde se amontoam, n'um horror tenebroso, os vicios alucinados e os crimes exorbitantes, afiguram-se-lhe á imaginação misericordiosa como templos de angustias, santuarios sagrados de tribulações e de martirios. É um *flos sanctorum* da miseria, a dor do enxurro canonizada e sublimada.

Mas se a lei da natureza é iniqua e feroz, visto os maus triunfarem e os bons succumbirem, d'onde vem essa lei, quem a

gerou. quem a impôs ao universo? Quer a criasse, com o universo, uma vontade alheia, quer ela seja imanente ao universo infinito, é, nos dois casos, uma lei monstruosa, negadora da suprema ideia do espirito do homem, a ideia do bem e da justiça. Contradição inexplicavel: A natureza é iniquidade, porque a lei que a rege assegura o predominio e a sobrevivencia do mais forte. Mas quem me leva a dizer que a natureza é iniqua? O sentimento do bem e da justiça, desenraizavel do meu coração e do meu cerebro. Logo, existe tambem na natureza, pois que eu sou natureza, a lei do amor e da justiça contraposta á lei da força e da violencia. Se Cristo morreu na cruz, a natureza é o mal. Mas, sendo a natureza o mal, como é que d'ela nasceu o mesmo Cristo, afirmação de todo o bem?

A ideia do bem e da perfeição, levada ao infinito, é a ideia de Deus. Mas como harmonizar o absoluto perfeito com a natu-



reza imperfeita? Como fazer saír a diversidade da identidade, o complexo do simples, o mal do bem, o universo de Deus?

Chegamos á terceira e ultima fase do seu espirito: á fase religiosa, á *emoção divina*.

A natureza, desagregada em movimento, traduziu-se-lhe em dor e resolveu-se-lhe em amor. Movimento infinito, dor infinita, amor infinito, eis os tres rostos da natureza no espelho cada vez mais profundo da sua consciencia, nos olhos cada vez mais abertos da sua alma. O dinamismo atómico do universo reduziu-o,—pavorosa sintese!—á dor sem fim, á dor universal. Viver é sofrer, e tudo vive, tudo sofre. Vida infinita igual á dor eterna, eis a equação mathematica da natureza. Pandiabolismo, satanaz-universo. Um circulo infernal, hermeticamente inexoravel. Não ha pois evasiva? Ha. D'esse inferno sóbe uma escada de chamas tenebrosas, que vai ao purgatorio, e do pur-

gatorio uma espiral de luz radiante, que nos leva ao céu. A dor, que se lhe afigurou a essencia intima da vida e sua unica expressão, não era, ao cabo, o substracto ultimo da natureza, o fundo irreductivel do universo. A dor não era irreductivel. A alma, vencendo-a, converteu-a em amor. Não ha beleza esplendente que não fôsse dor caliginosa. A flor é a dor da raiz, a luz, a dor das estrelas, e a virtude ou o genio, a dor ascendente do eter luminoso, cristalizando no homem, ao fim de um calvario inenarravel de milhões e milhões de seculos sem conta. A alma de Jesus proclama o triunfo da santidade sobre o crime, como o corpo de Venus entoia a vitoria da linha viva e musical sobre a linha inerte, a linha bruta e desarmonica. Beleza de essencia ou beleza de apparencia, virtude de Jesus ou formosura de Venus, teem, ancestralmente, a iniciá-las o mesmo horror e a mesma imperfeição. Do verbo odiar nasceu, evolutiva-

mente, o verbo amar. Se o homem foi tigre, o beijo foi dentada. Toda a alegria pura vem do amor, e todo o amor inclue o sofrimento. A alegria é o sofrimento amoroso, o sofrimento espiritualizado. Deus é, pois, o amor infinito, vencendo infinitamente a infinita dor. E, vencendo a infinita dor, ele é a infinita alegria, a paz absoluta, a gloria eterna, a bemaventurança ilimitada.

Eu creio que, no fundo, adoramos o mesmo Deus. Mas o autor dos *Pobres* não desvendou, ideologicamente, abstractamente, o segredo da natureza, a explicação religiosa e intima da vida universal. Não a estudou como filosofo, descarnando-a, dissecando-a, até lhe descobrir as leis inalteráveis e reconditas da sua estrutura evolutiva. Não fez do cerebro um instrumento de visão, agudo e claro, gelido e penetrante, com ele interrogando, dia a dia, no sorvedeiro cosmico, o borbulhar infinitiforme da existencia. Não mediu a vida a compasso,

não a formulou em teoremas ou equações. Viveu-a. O seu livro não é a historia dialéctica da razão d'um homem, sistematizando e codificando a natureza. Não é a historia d'um encefalo, desdobrada em ideias. É a historia d'um homem, a historia plena e formidável d'um organismo inteiro, — da carne e dos ossos, do sangue e das lagrimas, das mãos que abençoam e que destroem, dos olhos que choram e que fulminam, da bôca que reza e que tritura, da alma do lobo, que vem de Satanaz, da alma do anjo que se encaminha para Deus. Sim, a historia universal d'um homem, gemida e rugida, furiosa e candida, não para que o mundo lh'a ouça (então seria hipocrita) mas para que Deus lh'a escute, na eternidade e no silencio. É a confissão clamorosa, satanica ou celeste, das energias infinitas, evolutivamente amalgamadas no misterio pavidó d'um homem. O abismo insondavel, retraindo-se, cristalizou n'um ponto; e esse ponto,

adquirindo voz, confessou o abismo, revelou o insondavel. Almas inumeras se agrupam na alma sintetica e central. Ha em cada alma infinidades de almas. E umas tão horriveis e loucas, que as escondemos para que as não vejam, e outras tão inconscientes e profundas, que, habitando comnosco, as não chegamos sequer a conhecer. O poeta dos *Pobres* conheceu-as e confessou-as todas. Desde a mais clara á mais crepuscular e tenebrosa, irradiou-as todas plenamente, no estado nascente, ingenuas e vivas, sem ocultar uma unica.

O seu Deus não é o ultimo termo d'uma cadeia logica de silogismos. Não o descobre pela razão, atinge-o pela emoção. O meu amigo não raciocina, isoladamente, com o encefalo. Raciocina de chofre e com todo o corpo. As ideias brotam-lhe espontaneas, como o sangue da facada ou a flor da haste. Palpitam de vida, mas vida viva, — no es-

tado genesico. Não falam, não discursam, não discorrem. Gritam, uivam, ululam, gemem, rezam, blasfemam. Ciclones de ais, de orações, de imprecções, de furias, de lamentos. O meu amigo pensa, forma juizos, como as electricidades formam raios.

O seu Deus é a expressão da sua emotividade. Ou, bem no fundo, da sua moralidade. Só crê em Deus, só descobre Deus, quando em si, pela virtude, momentaneamente o realiza ou tenta realizar. Se a bondade e a paz lhe existem no coração, a natureza resolve-se-lhe em Deus, em amor supremo. Mas, d'aí a instantes, o egoismo invade-o, e não é já em Deus, é na quimica que a explicação do mundo lhe aparece. Qual a fonte do ser, a razão da vida? É o acaso, é o appetite, é o amor, é Deus ou Satanaz, conforme as horas ou os dias, conforme o equilibrio instavel da sua carne e do seu espirito. Logo de começo, a paginas 29 e 30, define Deus abrasadoramente

n'uma lingua de chamas, n'um paroxismo de dor e de misericordia, n'um extase cantante e lagrimoso, tão férvido e tão lucido, que arrebatava e deslumbra. Fulgiu-lhe súbito, no amago da alma, a verdade da vida. A vida é um calvario. Sóbe-se ao amor pela dor, á redenção pelo sofrimento. Cristo é um redentor humano, Deus o redentor universal. É o ser infinito, porque é o amor ilimitado. E a natureza tenebrosa, vista de Deus, divinizou-se por encanto. Guerras, lutas, crimes, catastrofes, desordens, evaporaram-se e fundem-se em harmonia magica e perfeita.

Mas logo adiante, a paginas 42, a natureza, divinizada, reverte e regressa á sua forma demoniaca, de materia bruta.

«Ser só, sem amigos, sem apertos de mão, sem conhecidos, ser só e livre, que sonho!»

Do altruismo absoluto, do absoluto amor, que é Deus, retrogradou ao indivi-

dualismo anarquista, ao egoismo feroz, que é Satanaz. Do polo positivo saltou ao polo negativo. Entre os dois polos, entre o bem e o mal, entre Deus e o Diabo, vai oscilar e flutuar a sua alma, ora aproximando-se de um, ora aproximando-se do outro, ora immobilizando-se quasi, pelo hausto indutivo das duas correntes antagonicas.

Tal um Cristo, penosa e religiosamente escalando o calvario, e que, a meio da encosta, varado de dor, esvaído o animo e evulada a fé, arrojasse a cruz dos ombros, exclamando n'um impeto: «Basta! Se o caminho do céu é um caminho abrupto, uma inferneira ingreme, desisto do céu e volto para trás, para o conchego do meu lar, para a ternura de minha mãe, para o affecto dos meus parentes e meus irmãos. Antes rissonho e feliz, junto do meu pai humano, que é carpinteiro, a aplainarmos cruces, do que, morto e crucificado, na gloria infinita do meu divino Pai celestial!»



E assim blasfemando, retrocederia na encosta do sofrimento e da amargura, para, já lá no fundo, voltar a subi-la novamente, a cruz nos ombros, com maior fé e maior ansia.

O seu poema é a historia da escalada tragica do seu calvario. Mil vezes o meu amigo tomou nos ombros a cruz da dor e da paixão, e outras tantas a deixou cair. exausto, com ais de desanimo, ou a sacudiu exasperado, cuspiendo invectivas no lenho duro do resgate. Mas por fim, sangrando e chorando, galgou a montanha do erro e do sofrimento. Chegou a Deus, e em Deus ficaram imoveis e serenos os olhos tristes da sua alma. Polarizou-se em Deus, de vez e de vontade. Livre, enfim! Libertou-se.

Não volte á servidão, á escravatura negra e demoniaca. Mantendo-se liberto, a obra de hoje, patetica mas angustiosa e desigual, a obras futuras, vastas, claras e radiantes, servirá de entrada e de prefacio.

A arte vale mais ou menos, segundo a porção de amor que abrange e que revela. A arte soberana é a que conjuga a natureza toda,—homens e monstros, aguas e arvores, pedras e nuvens, soes e nebulosas, com o verbo infinito e perfeito, o unico verbo criador, que é o verbo amar. O universo atomico, particulas inumeras e vagabundas, fraterniza em Deus, unifica-se em Deus.

Rezar o universo é polarizá-lo no infinito amor. Cantar não basta. Rezar é mais. Rezar é o superlativo divino de cantar. A oração é a canção angelizada, a canção chorada e de mãos postas. O universo absorve-a, comprehende-a. Ouve-a Deus, os homens escutam-na, e as ondas, as aguas e os rochedos, vagamente a percebem, como um halito amigo, uma caricia branda e luminosa. Reze todas as dores, pobreza, miserias, lutos, sofrimentos. Reze o lôdo e o sangue, o ninho, o covil, o hospital, o carcere, a enxovia, a terra tragica, ulcerada de mortes, e

a noite concava e funebre, ulcerada de soes e de nebulosas. Reze a dor, mas reze tambem a alegria, que é dor vencida e desbaratada pelo amor. Reze o triunfo do amor, a alegria ascendente da natureza, a marcha epica da vida pelo caminho eterno, que não tem fim. Reze chorando, mas lagrimas fecundas que façam parir a terra, palpitar o seio e germinar a semente. Lagrimas de aurora, orvalho vivo e criador. Rezar e chorar, mas heroicamente, na acção e na luta, no mundo e para o mundo. Rezar como Nuno Alvares, entre o fogo ardente da batalha. Enganam-se os que vão para Deus, voltando as costas á natureza. Quem se quiser salvar, ha-de salvar os outros. Quem renegar a natureza, renega Deus. A ascese egoista é anti-cristã. O quietismo beato, apagando o universo, apaga Deus. Quietismo e niilismo, — dois zeros, dois sinonimos. O frade tenebroso, na concha da mão exangue e paralitica, sustenta uma caveira. É o nada

olhando o não ser. O monge radiante (S. Francisco) na dextra poderosa, em vez de caveira, tem um globo d'ouro constelado, onde se ergue uma cruz. Tem o universo e Deus. <sup>1</sup>

Seja ele o tipo a que se encaminhe, embora de longe, a nossa fé e a nossa arte. Rezemos, vivificando e sublimando. Arte criadora, que seja pão e seja luz.

Se nos acusarem de hypocritas, deixá-los acusar; mentem. E a mentira só aos mentirosos prejudica. Se nos amesquinham a fama e cercearem a gloria, desviando de nós as multidões, que não pensam e vão para onde as levam, melhor. Os que nos querem, os que nos amam, os que nos entendem, ficarão connosco. Os outros, dei-

---

<sup>1</sup> O extase em S. Francisco e em todos os verdadeiros e grandes santos não é quietismo egoista. Resulta da acção e gera-a de novo com mais ardor. Não é letargo, é fonte de acção, é hiper-acção. A alma do santo embebe-se em Deus, e irradia-o depois, em actos de amor, na humanidade.

xando-nos, prestam-nos favor. Lezam-nos sómente na vaidade, que é vicio ruim, grama que custa a deitar fóra. Portanto, melhor. E se nos insultarem e injuriarem, melhor. E se nos perseguirem, melhor. E se nos apedrejarem e ensanguentarem, melhor ainda, muito melhor. Quando a alma, ao termo de mil hesitações e desenganos, cravou as raizes para sempre n'um ideal de amor e de verdade, podem calcá-la e torturá-la, podem-na ferir e ensanguentar, que quanto mais a calcam, mais ela penetra no ideal que busca, mais ela se entranha no seio ardente que deseja. <sup>1</sup>

1902-3.

---

<sup>1</sup> Cortei d'este prefacio meia duzia de linhas e uma pagina dos meus Ensaios Espirituais, ainda hoje ineditos. Havia n'essa pagina algumas ideias excelentes, que mantenho ainda, mas havia outras que rejeitei depois.



## SOUSA MARTINS

---



UMA turba desordenada, atravessando uma ponte, não a faz oscilar. E, ao ritmo leve dos pés d'uma criança, a inflexível architectura de metais oscila e ondeia, conjugadamente, em balanço harmonico. É o milagre do amor, na ordem bruta da natureza. Na ordem espirital, o milagre é identico.

Certas criaturas, com um gesto, uma voz, um olhar, determinam correntes, abalos magneticos de simpatia ou de heroismo.

Em Sousa Martins houve esse dom de taumaturgo. O dom de levar aos corações o ritmo ardente e juvenil do seu coração prodigioso.

Sousa Martins foi grande, porque foi bom. Radiou amor, encanto, esperança, alegria, generosidade. Viveu a vida efusivamente, magnificamente, com todas as seivas do seu corpo e todas as labaredas do seu espirito. Deu-a, como o sol dá luz, aos miseráveis, aos tristes, aos revoltados, aos sonhadores. Foi o amigo, carinhoso e candido, dos pobres e dos poetas. A sua mão guiou, a sua bôca perdoou, os seus olhos choraram. Teve sorrisos para a graça, enlevos para a arte, lagrimas para a dor.

Que é da sua obra? A obra dos homens é a porção de Deus que derramaram.

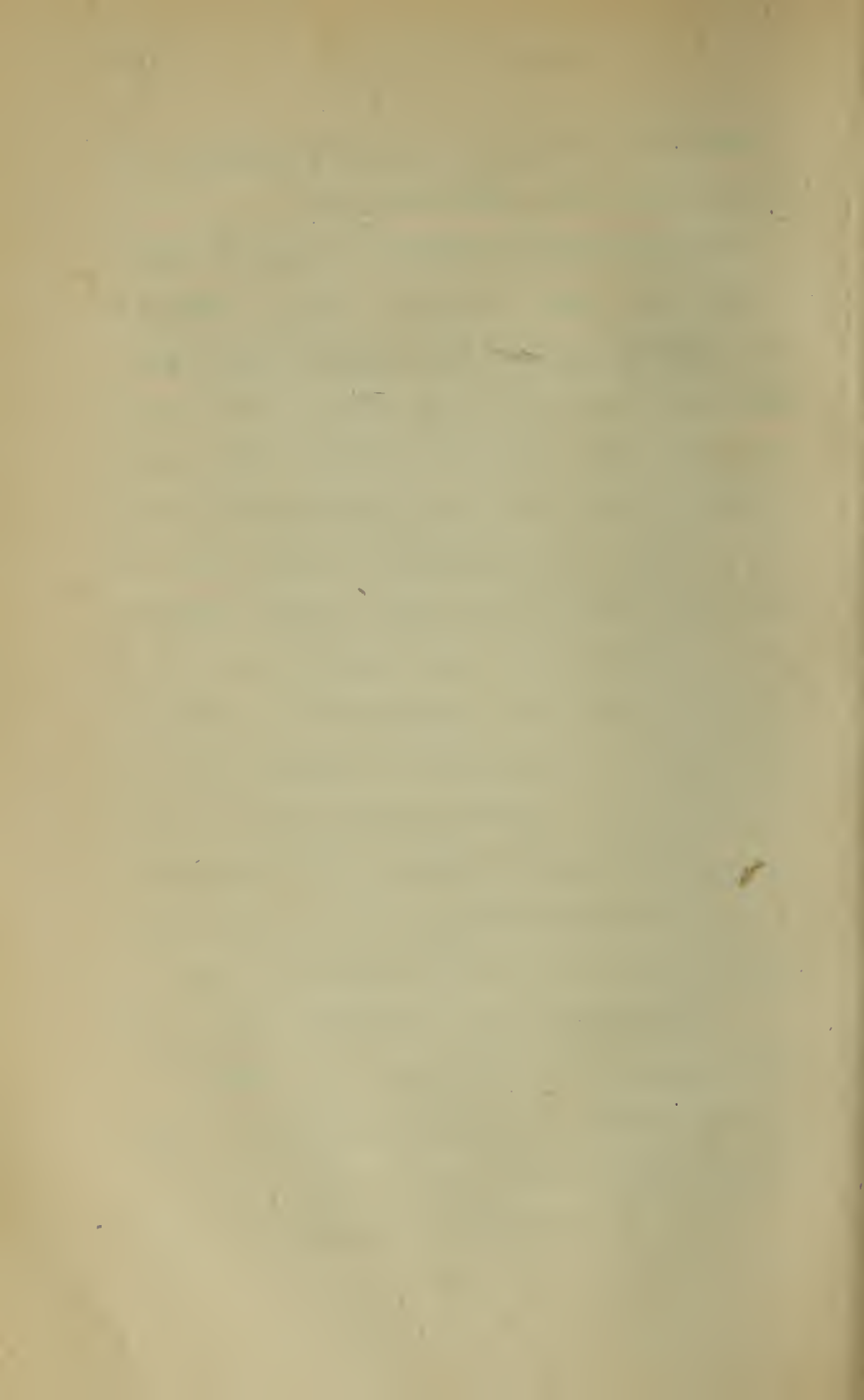
Tanto faz esculpi-la em bronze, como atirá-la, ás mãos cheias, por calabouços ou calvarios. Um ai de mendigo pode valer todas as sinfonias do Beethoven.



Não resplandecem mais os poemas de Dante do que as úlceras de Job.

Viver é conviver. Viver é amar. E Sousa Martins, pelo infinito amor, chegou, em certas horas, á vida eterna. Eis a sua obra.

1904.



# JUSTINO DE MONTALVÃO

(APONTAMENTOS PARA UM RETRATO)

---



UM cristão helenico, um filho de Apolo, baptizado. A alma cristã resume-se em caridade, em bondade, em simpatia pela dor. Quem fraterniza com a dor, comunga no gremio de Jesus. É, pois, essencialmente cristão o belo, o admiravel poeta dos *Destinos*. As lagrimas enternecem-no, as desventuras comovem-no. Abomina o orgulho, a arrogancia, a crueldade, a dureza, a hipocrisia. Ama os humildes e os candidos, os deserdados e as vitimas.

Mas o cristão perfeito, olhando a terra,

vê n'ela um bloco de miserias, donde nasce uma cruz. E desposa a dor imensa da natureza, desposa os braços duros do sacrificio. E, gemendo e morrendo na cruz, entra na vida verdadeira, na vida infinita, na absoluta paz, que é o absoluto Amor. Entra em Deus, e em Deus descansa para sempre. A dor é a escada de fogo que nos conduz á vida-eterna.

Justino de Montalvão detem-se a meia encosta do calvario. A tragedia divina e formidavel abala-lhe a alma, inunda-o de lagrimas, mas não a aguenta, desvaira-o de panico e terror. Foge. Para onde? Para aquele outeiro verdejante, onde as aves trinam e as aguas murmuram e onde, á sombra dos arvoredos frondosos, polvilhados de oiro, entoam o hino do amor e da existencia as corolas dos lirios, as bôcas das ninfas e os citaras edenicas dos deuses.

O poeta cristão paganizou-se. Venus fez-lhe esquecer Maria, Apolo divorciou-se

de Jesus. Tremeu da morte, horrorizou-se da caveira. Preguemos a vida na cruz voluptuosa dos abraços, haurindo, em vez de fel, o nectar dos beijos e das anforas. A vida não é apenas um vale de lagrimas, é também um vale de rosas e de frutos. Embriaguemo-nos de amor, cravando nos pomos aureos os dentes jocundos e gulosos. O céu fica distante e os caminhos são asperos, erigidos de cardos e de rochas. Vivamos, no esplendor da hora breve, a eternidade muda e tenebrosa. A terra é a certeza clara do infinito obscuro, a realidade divina e palpitante. É o arquipelago de fogo no oceano vago do misterio. Misterio calado, noite religiosa, sonho insondavel. Mergulhemos em Deus, amando a terra, adoremos Deus, exaltando a vida. Olhemos a vida como beleza real, transfigurando-a e sublimando-a em beleza ideal e criadora. A Arte é o culto magico de Deus. A revelação é Poesia, a teologia é Estetica.

O santo cadaverico, fantasma funebre, amputando o desejo, ignora Deus. O Precursor de Vinci, eis o santo imortal, o S. João heroico da Beleza. D'um fundo negro de misterio, impalpavel e vago, brota o divino arcanjo adolescente, cabeleira em aneis, rosto de enigma, olhos de encanto, a dextra audaz erecta aos abismos do Eterno e sorrindo... sorrindo á natureza em flor, á criação fecunda, ao orbe esplendido, com a manhã da graça e do desejo na bôca ovante e virginal.

No céu de Vinci, indeterminação hermetica e nebulosa, não ha alegorias nem evidencias. Noite e misterio, duvida e sombra. O arcanjo aponta-o, quasi ironicamente, sem temor. Habita-o Deus? Talvez. Mas Deus invizivel, indefinivel, Deus Ignoto. E o radioso arcanjo, ebrio de força e de harmonia, volta-se para o mundo, para a divindade nupcial da terra clara e criadora. Os seus olhos, de sonho e de certeza, o seu riso,

de graça e de vitoria, proclamam a divindade terrestre, o milagre da luz, da flor, do beijo, da canção. O universo é ritmo, a natureza é musica. A Vida é divina porque é bela.

D'esta religião do Amor, da Vida e da Beleza é o poeta dos *Destinos* um missionario ardente e vagabundo.

Na alma da maioria dos homens grunhe ainda, baixo e voraz, o focinho do porco. O mundo é uma sala de jantar e um quarto de cama. Diante do milagre das coisas, diante da flor, do fruto ou da arvore, perguntam apenas: quanto rende? Atravessam a vida, buscando oiro. Outros buscam a fé. Outros, sciencia. Justino de Montalvão nem oiro, nem fé, nem sciencia. Busca harmonia, busca Beleza.

Da luz, do som, da côr, das aguas, das montanhas, das aldeias obscuras ou das cidades fabulosas, dos templos, dos teatros, dos museus, dos circos, das arenas, da pom-

pa de todas as magnificencias, dos gritos de todas as tragedias, das lagrimas e do sangue de todas as miserias, da historia ou da anecdotia, d'uma religião ou d'uma alcova, d'um lupanar ou d'um sacrario, ele arranca espontaneamente, avidamente, a fórmula sinfonica da Beleza, pela magia unica da Arte.

Os seus cinco sentidos apreendem a vida, em ritmos de orquestra e de Beleza. É pintor, escultor, architecto e musico. Fundem-se na sua prosa todos os circulos da arte, todos os modos de harmonia. A sua lingua é uma criação continua do desejo estetico. Não busca palavras inertes em dicionarios, museus de silabas. Genesiam-se, evolam-se da natureza, da intimidade murmura das coisas. Tem sangue, tem vida, tem azas. Frescas e novas, como tudo o que desponta, rubor de manhã, gomo de verdura, carne de criança. Nas suas paisagens panteístas, que vida entrelaça-



da, que vida fluida, que vida cosmica! Arvores e rochas, agua e ar, linhas e sons, lampejos e penumbras, canticos, fremitos, germinações, silencios mortos, conjugam-se e casam-se, embebem-se e embalam-se, em vozes de orgão religiosas, d'uma profundidade extatica, sem fim... Oh, o belo, o radiante, o maravilhoso artista!

E este homem, que não é um erudito, olhando o quadro, a estatua, o monumento, adivinha-os, percebe-os n'um relampago. Lê-lhes a alma. É que a arte, criada na emoção, a emoção a penetra. A ideia, rigida e nua, nem faz a arte nem a entende. A critica da arte é emoção viva de beleza. Na arte, sentir é conhecer. Sentir é compreender com todo o corpo.

Não se ajusta, por inteiro, o meu ideal de beleza ao do cantor da *Vida Errante*. Na frente do meu Apolo ha um diadema de espinhos, no coração da minha musa ha sete espadas a sangrar. Venus é onda, Ma-

ria é estrela. A Voluptuosa é mãe dos homens, a Dolorosa é mãe dos anjos. Ambas deusas, mas uma, carne, a outra, espirito. <sup>1</sup>

Eu vejo o céu tão claro como o cristal ou como a nuvem. Sinto Deus, absorvo Deus, aspiro Deus. O mundo sem Deus converte-se-me em fruto ôco, e as imensidades estreladas, em arquipelagos de zeros. Mundos sem fim, zeros sem conta. A infinita grandeza pede a unidade, reclama Deus. Os orbes são divinos, porque nascem de Deus e voltam para Deus. São martírios eternos, eternamente escalando os seus calvarios. E só pela infinita dor chegam a Deus,—infinito Bem, infinita Paz, infinito Amor.

Mas na minha igreja e no meu templo todo o universo está rezando. Reza a luz, o ar, a pedra, a agua, o labio, a flor. A natu-

---

<sup>1</sup> A virgem-mãe é uma criação do espirito. A sua existencia é ideal, não biologica,

reza é um credo ascendente, uma oração a Deus evolutiva. Murmúrio bruto na montanha, silaba na rosa, cantico em Apolo, idealidade — espirito em Jesus. A oração de Jesus é a mais alta, porque é o hino do Amor cantado pela Dor, o beijo infinito, humido de sangue, escorrendo lagrimas.

O arcanjo de Leonardo aborrece a dor, ignora o pranto. Exalta a vida musical, a vida heroica, a vida olimpica. Exalta a Beleza, cheia de graça, plena de seiva e juventude. A tristeza amesquinha, o sofrimento deforma. Chorar é pecar. Os golgotas são ulceras ardendo, corroem a face augusta da natureza, envenenam o mundo.

O S. João de Leonardo, arauto de Pan, enviado do Olimpo, é o Homem-Deus da renascença. Acolho-o na minha igreja, mas como santo menor, como teologo imperfeito. Ponho-o á entrada, em lugar subalterno, para começo de culto e devoção.

São outros os meus profetas, os evan-

gelistas do Senhor. É Mantegna, é Angelico, é Memling, é Puvis... A santa Genoveva de Puvis, eis a flor do Espirito mais candida, que mãos humanas teem criado. Dos pés ao olhar é toda virgem, é toda ela uma oração. Reza com todo o corpo, é toda alma. Unge a natureza, a vida que dorme, a dor que descansa. Abençoa e perdoa, exala Deus. Oh santa divina, tu és para mim o milagre da Arte, a encarnação suprema da Beleza.

1908.

## NO CENTENÁRIO DE ALEXANDRE HERCULANO

---



VIVER é amar, è amar é padecer.  
Deus é o infinito amor, infinitamente vencendo a infinita dor.  
Todos os grandes homens, sabios, santos, heroes, filosofos ou artistas, são expressoes sagradas, religiosas. A mais alta é o santo, porque na suprema bondade está incluída a verdade suprema e a suprema beleza. Mas quer o sabio, quer o poeta, immortalizam-se como o santo, vivendo a vida instantanea, — da hora e do lugar, com

alma de eternidade e de infinito. Não mexendo n'um grão de areia sem abalar o mundo, não arrancando uma folha de arvore, sem que o universo lhe venha preso.

É d'essa familia augusta o vulto nobre de Herculano. Encarnou esplendidamente a sua existencia individual na existencia da patria, a ideia da patria na ideia humana, e esta na ideia cosmica e divina. A mascara robusta e grave do historiador imerge d'uma penumbra ascetica, d'um fundo de luz e de misterio. As linhas duras idealizam-se, tocadas de sonho transcendente. Descobre-se o monge, o cavador, o soldado, o sabio, o profeta. Sente-se a visao magnifica do homem heroico e religioso. Osculemos todos a sua memoria, para exaltar o nosso espirito e purificar os nossos labios.

# JOÃO DE DEUS

(BIOGRAFIA ESPIRITUAL)



arte, quando grande, é religiosa e panteista. Sente infinito, exprime infinito, sugere infinito.

Universaliza individuos, evapora numeros, eterniza momentos. Chega á unidade, toca na essencia. Eucaristia sublime, misterio esplendido, inefavel! Deus a cantar no som, a brilhar na côr, a desenhar-se nas formas! Sim! a arte é Divindade, encarnando em musica.

João de Deus immortalizou-se, porque

nas horas puras e sagradas viveu a vida infinitamente e divinamente, traduzindo-a em canticos celestes, em melodias magicas de luz.

Diante d'ele, o universo maravilhoso, criado por Deus, move-se em Deus, mas a expressão suprema do Divino radia na beleza deslumbradora e fecundante, na graça da amante, na mulher. O centro do mundo de Deus é o beijo de amor, divinizado. Mas, no *Campo de Flores*, a mulher não se chama Laura, Beatriz, ou Natercia. Não é a paixão singular e soberana, o amor unico á mulher unica, rasgando com um sulco de fogo, da mocidade á morte, a vida inteira.

Em João de Deus ha um arabe voluptuoso, pela carne, e um cristão sem mancha pelo espirito. Toda a mulher formosa lhe leva beijos e canções.

Mas a poligamia da volupia, continuamente idealizada e sublimada, unifica-se e



resolve-se, ao cabo, n'uma só imagem espiritual.

A mística amorosa de João de Deus tem graus ascendentes de elevação e perfeição.

Primeiro grau: Vê a mulher, é bela, deseja-a. Deseja-a com lascívia, mas sem brutalidade, sem violencia. Um galanteio espontaneo e perpetuo, um madrigal continuo, gracioso e mimoso, florido e ridente. Coisas lindas, mas tudo mediocre, passageiro. Arte efemera. Anecdotas.

Segundo grau: O desejo voluptuoso purifica-se, espiritualiza-se, idealiza-se, e o fremito biologico termina em extase, no céu. A canção evolva-se em oração, e a alma liberta, na asa do amor, ergue-se a Deus, perde-se em Deus.

Terceiro grau: A mulher ideal, cada vez mais bela, mais radiante e mais pura, santifica-se. Ainda corporea, o desejo sonha-a... sonha-a, de leve... mas não lhe toca. Quem ha-de ousar?!... Jámais! Inviolavel! É flor

sagrada, lirio do Eden! Mulher-estrela, mulher-anjo! Cantá-la como? Adorando-a: Possui-la quando? Na eternidade, em Deus, na Gloria, vencendo a dor, vencendo a morte. O beijo de nupcias é o beijo infinito, o beijo de duas almas para sempre!

Quarto grau: A mulher-alma desencorpora-se, diviniza-se, deifica-se. É graça, piedade, dor, amor, misericórdia, a Virgem das virgens, a Mãe de Cristo, a Mãe de Deus! É Deus em mulher, é Deus no feminino.

Quinto e ultimo grau: O poeta religioso, liberto do mundo, uniu-se a Deus. União verdadeira, fusão suprema? Não. Só chegam a Deus os que levam no coração, como um filho gemendo, o universo inteiro. Os que transportam no seu amor, banhando-a de lagrimas, a dor infinita da natureza. Na obra do poeta ha ainda um vasio, uma lacuna. Falta-lhe o berço. E então o santo inclina-se para a natureza, ergue nos bra-

ços a humanidade, agasalha no peito a infancia humana, e cantando e chorando e rezando, lá vai com ela para Deus. E, quando o amor eterno vencer a dor eterna, existirá em Deus eternamente. Bemdito seja!

1910.



## OS GRANDES HOMENS

---

O HEROE — O ARTISTA — O FILOSOFO



Os grandes homens sobrehumanizam o homem, exaltam a existencia, criam espirito, desvendam misterio, tocam na amago do Ser. Augustos e luminosos, caminham á frente da evolução, na marcha do mundo para Deus. Quem é Deus? Ideal perfeito realizado, vida infinita, infinito amor. Os grandes homens avançam para Deus, não isolando-se e afastando os olhos das miserias da terra, mas levando piedosamente no coração todos os gemidos

da humanidade e todas as angustias da natureza. Os seus passos de luz, sulcando a noite, conduzem como um rebanho, na viagem eterna, a caravana infinda. Os grandes homens são descobridores e redentores. Quando sobem, ajudam, progridem, dando a mão, libertam-se, libertando.

Eu chamo grandes homens aos grandes heroes, aos grandes artistas, aos grandes filosofos.

O sacrificio ao Bem, na acção e pela acção, eis a norma do heroe. Sacrificio da alma, recolhendo com ardor continuo as dores alheias, e sacrificio do corpo, imolando-lhes, para as consolar, a propria vida. Os soluços sem termo da miseria do mundo ecoam-lhe no coração como ais de filhos. Dá a vida pela vida dos outros, mas a morte da carne em holocausto ao Bem acresce-lhe a vida verdadeira, aumenta-lhe a vida espiritual. O grau de amor é o grau de heroismo. O heroe maximo é o santo, e S.

Francisco de Assis é o super-homem.

O grande artista não iguala o santo, mas aproxima-se d'ele. O artista, criando beleza, cria amor, porque a beleza é a expressão ritmica do Bem, é o amor a cantar, na forma e no som, no verbo e na luz. A arte idealiza; portanto gera amor. O heroe tambem. Mas o heroe dá-nos o amor em acções, converte-o em pão espiritual, que vai dividindo pela terra. O artista faz d'ele um diamante quimerico de luz e de som, que é amor a vibrar, amor em sinfonia, amor no estado de beleza. Mas, se o universo é amor infinito, a arte suprema, que o abrange, é a arte cosmica e religiosa. E então a arte ideal define-se d'este modo: a natureza traduzida em cantico, Deus, que se ouve e que se vê, revelado em musica.

A filosofia é a sociologia do universo, a historia ordenada dos encadeamentos da existencia, da evolução do amor. E, como a

vida da natureza só chega á synthese na ideia de Deus, é claro que o santo ou o grande poeta conhecem melhor a vida do que o filosofo, pois que elles mesmos são a vida espontanea e criadora, na escala mais alta e no estado nascente.

A vida vertiginosa, tumultuosa, entrelaçada, continua, patetica, infinitiforme, a vida latejante de seiva, incubada de sonho, fulva de luz, cega de espantos, ebria de beijos, tremula de morte e gravida de amor, a vida eterna, divina e formidavel, que nasce da vontade e da emoção, apparece na obra do filosofo descrita por calculos, ordenada por argumentos e por ideias. A virtude do santo sublima-a no extase e na benção, e a inspiração do poeta magnifica-a na musica e no simbolo. Um reza, outro canta. O filosofo observa e medita. É um espelho que pensa. E a philosophia integral, como a arte suprema, será tambem religiosa, porque só em Deus, Infinito-Amor, a vida encontra a sua uni-



dade e a clara explicação do seu misterio. Todas as grandes almas, bussolas riantes, se polarizam em Deus.

1913.



# A FESTA DE CAMÕES

DISCURSO PRONUNCIADO A 10 DE JUNHO EM ZURICK, N'UM BANQUETE  
DA COLONIA PORTUGUEZA



nome sagrado de Camões junta-nos hoje aqui, em fraterno convívio, durante algumas horas. Camões é Portugal, e a festa de Camões, o dia santo da nação. Celebremos o heroe religiosamente, vivendo este dia na sua alma, comungando no pão do seu espirito. Adoremolo para nos sublimar, para que nos atraia e venha a nós. As linguas de fogo só descem quando se desejam, e os santos só nos ouvem quando estamos proximos.

Camões é o genio lusitano, a idealidade

da raça n'um heroe. Pertence ao grupo dos imortais, dos que viveram no mundo o breve instante, com olhos de eternidade e de infinito.

A vida resolve-se em dor e amor, e ele amou e sofreu como poucos homens. Amou a justiça, amou a virtude, amou a beleza. Amou a patria na humanidade, a humanidade no universo, e o universo em Deus. E d'esse imenso amor fez colheita de luto e colheita de dor. Semeou beijos e nasceram-lhe viboras. Pôs na frente da Patria um diadema de estrelas, e recebeu em galardão uma corôa de cardos. A inveja, o rancor, a estupidéz, a mentira, a hipocrizia, a ferocidade, — bando de lôbos e de hienas, vão atraz d'ele continuamente. Não o deixam, rasgam-no, dilaceram-no. Toda a sua existencia de heroe e de martir é a escalada abrupta d'um calvario. O sangue do coração evaporou-se-lhe em genio e verteu-se-lhe em lagrimas. Foi Apolo na cruz, aédo e Messias.

bardo e Redentor. Cantou como um epico, lidou como um heroe e acabou como um santo.

N'essa imperial, grandiosa e maravilhosa Lisboa do seculo xvi, ovante de fortalezas, catedrais, estaleiros, praças, palacios, cupulas, bazares; n'essa Lisboa rutila e quimerica, de gentes estranhas e desvairadas, nadando em oiro, fulva de pompas, louca de vicios, ebria de orgulho e de prazer; n'essa Lisboa babilonica, vasto emporio do mundo, rainha esplendida dos mares, onde frotas de galeões bolsavam tesoiros fabulosos de paizes de sonho e de misterio; n'essa Lisboa, Capital da Luz; n'essa Jerusalem das Descobertas, agonizou abandonado e atribulado, mendigo e martir, sem pão e sem lar, o maior e o mais sublime dos seus filhos, o gigante da raça, o cantor dos Lusias. Viveu pela Patria, cobriu-a de gloria, e n'ela morreu obscuramente, de solidão, de fome e de tristeza.

E ao mesmo tempo que Luiz de Camões, divinizando-se na dor, chegava á immortalidade espiritual, a alma da Patria, degradando-se, envenenada de oiro e de vileza, caía escrava e semi-morta. A alma enoitecera-lhe em letargo, mas brilhava e cantava imorredoura na voz ardente dos Lusíadas. É a voz messianica do epico, é a voz de fogo de Camões quem de novo a desperta e desagrilha do cativo, e quem durante os seculos pesados d'uma noite de horror, a guia na torva escuridão, a fortalece nos desalentos e desmaios, erguendo-a por vezes, indomita e nobre, magnanima e justa, como nos tempos belos da epopeia. A alma sonambula do Povo caminha de noite, lastimosa e chorando, atrás da alma do Vidente. Nas datas grandes, nos dias heroicos — 1640, 1807, 1820, 1834 — o culto de Camões inflama-se, Camões revive e está presente. O centenario, ha trinta anos, acordou a nação, encheu-a de fé, abrasou-a de amor, e a alma

do povo e a do Poeta fundiram-se avidamente uma na outra, como dois beijos e dois relampagos. E na aleluia sagrada da vitoria, no extase da imortal manhã de 5 de Outubro, sentia-se, rezando e palpitando, aberta em flor de luz, a alma divina de Camões.

Libertámo-nos. Banimos para sempre *os fracos reis que fazem fraca a forte gente*, os despotas e os tiranos,

*cuja vontade*

*Manda mais que a justiça e que a verdade.*

Foram-se os abutres e emigraram os corvos. Partimos algemas, expulsamos verdugos, destruimos carceres. Não basta. Á volta de nós, mortas no chão, as ruínas escuras do passado embargam-nos o transito. É necessario erguer, ordenar, edificar. Demos corpo concreto e realidade ao que ontem foi sonho e aspiração. Criemos juntos,

no trabalho comum, a Patria Nova. Invo-  
cámos Camões para a libertar, modelemo-la  
então á sua imagem. Façamo-la heroica,  
augusta e grande como a epopeia. Faça-  
mo-la nobre como a ode, limpida e ligeira  
como a canção, ridente e viçosa como a eglo-  
ga, pura e cristã como a elegia. Sejamos  
uma nação de alegres marinheiros e de ro-  
bustos lavradores, vivendo piedosamente  
vida simples, irmanando as ideias, nivelan-  
do as fortunas, cuidando os criminosos como  
enfermos, amparando os invalidos como  
crianças, marchando no globo, em extase,  
para a harmonia eterna, para Deus. Crie-  
mos uma Patria ideal, vestida de verdade,  
armada de direito, fulgente de sonho e de  
beleza. Que as searas germinem, que os bei-  
jos esplendam, e as almas se casem, á luz  
fecunda dos seus olhos. Uma Patria mater-  
na e carinhosa, que ensine os ignorantes,  
ajude os que trabalham, ameigue os que so-  
frem, bemdiga os heroes, e deixe entrar no



coração, candidamente, a voz alada e luminosa dos passarinhos e dos poetas.

Mas essa Pátria, além de boa e jocunda, eu quero-a estavel e armada de força, além de armada de direito. Quero-a forte para que a respeitem, e siga livre, ovante com denodo, no caminho do bem e do trabalho. A espingarda defenderá a charrua e, a bôca negra do canhão, o peito alvo da Justiça. Quando a arma que mata defende a liberdade, os santos choram mas não accusam. Porque então a arma de morte criou amor e gerou vida.

Á volta de nós, sofregamente, as cubiças espreitam. Demos á Pátria o maximo de resistencia, dando-lhe o maximo de unidade. Unamo-nos todos, e ficará incolume. Separam-nos ideias e doutrinas? Embora. Cruzemos as linhas divergentes n'este ponto comum, — o amor da Pátria. Façamos variedades harmonicas dos antagonismos destruidores. As ideias e crenças mais opos-

tas, vivendo-as no fundo do coração com o mesmo espirito de amor, convertem-se em raios d'uma estrela, que, discrepando na circunferencia, se casam no centro e se amalgamam. Santifiquemos hoje o dia de Camões, que é o dia heroico de Portugal, casando tambem no amor da Patria, religiosamente, as nossas vontades, os nossos ideais, as nossas almas. Em nome de Camões, fraternizemos e trabalhemos.

Os pobres da minha terra, que, debaixo de neve ou luz ardente, abrem com o arado e com a enxada os sulcos das vinhas e dos trigais, apenas o sol de Deus chega ao zenite e vai em meio o dia de dor e de canseira, param no trabalho, erguem-se e descobrem-se, e n'uma attitude imovel de oração, fazendo religiosamente o signal da cruz, entoam com voz profunda estas palavras: Louvado seja sempre nosso Senhor Jesus Cristo!

Pois bem. Eu desejo que todos os por-

tugueses, no dia Santo da Patria, imitando os jornaleiros da minha aldeia, se ergam tambem em pé, de frente nua, e digam com igual devoção, do mesmo modo: Louvado seja sempre o nome eterno de Camões!

Viva Portugal!

1912.



## BRASIL-PORTUGAL

(DISCURSO PRONUNCIADO NA SESSÃO DEDICADA A OLAVO BILAC)



A essência ideal que immortalizou as nossas descobertas, e fez, por um instante, na história do globo, d'um punhado de marinheiros e de cavadores a maior pátria do mundo, a eleita do Eterno, a encarnação heroica do Divino, três monumentos de beleza augusta nos ficaram: um retábulo, um templo, uma epopeia. Três Lusíadas: os de Nuno Gonçalves, os de Camões, os de Santa Maria de Belém. Creamos Eschilo e Prome-

theu, o redentor e o cantor, o heroe ovan-  
te, que liberta, e o genio irmão, que o tra-  
duz em musica. A musica da luz, a do mar-  
more, a da palavra.

E ao mesmo tempo que geravamos as  
duas grandes epopeias equivalentes, uma  
na accção, outra no cantico, reproduziamos a  
Patria maravilhosa que lhes deu alma,  
creando um novo Portugal, o do futuro, de-  
baixo do novo céu, no mundo novo. O Bra-  
sil é a eucaristia sagrada dos Lusíadas.

Fizemo-lo á nossa imagem e semelhança,  
com torrentes de vida, — o nosso sangue,  
com um hino de aurora, — a nossa fé, com  
estrelas de dor, — as nossas lagrimas.

Fizemo-lo com beijos e canções, lavran-  
do, batalhando e rezando, d'armas na mão  
e de mãos postas. Viver é conviver. Viver é  
amar. O grau de amor é o grau de vida, e a  
vida infinita chama-se Deus, — infinito  
amor.

Mas, não vai para Deus quem traz uni-

camente nos labios a silaba suprema. A invocação não basta. Quem o não realiza não o adora. Ha homens bons que se julgam ateus e são deistas rancorosos, que são ateus e o não conhecem. Luisa Michel foi deista e Torquemada foi ateu. Os homens e as patrias valem, pois, mais ou menos, conforme o seu grau de religião, quer dizer, o grau de fraternidade, o grau de amor.

A Patria mais perfeita será a mais local, pelo amor á gleba, e a mais universal, pelo amor ao mundo.

O meu amor á Patria começa nas amizades do meu corpo ao ar que respiro, á agua que bebo, ao pão que me alimenta, ao fruto que desejo, á flor que me embalsama, á luz que me deslumbra. Depois, vem o amor á minha casa, desde os avós aos netos, dos berços aos sepulcros. Depois, o amor á minha aldeia, — choupanas e cavadores, a igreja de Deus ao centro e o cemiterio ao lado. Depois, o amor á provincia, á região,

á Patria toda, — aos mortos, aos vivos e aos vindouros.

Mas, a chama do meu amor espiritual beijará com mais devoção os que mais enobreceram a Patria, isto é, os que mais honraram a humanidade.

Portugal é uma Patria esplendida, porque é a mãe divina do Condestavel, a mãe do Infante-descobridor e do Infante-martir, de Nuno Gonçalves e de Fernão Lopes, de Bartolomeu Dias e de D. João II, de Gama e de Camões, de S. Francisco Xavier e de Alvares Cabral, de D. João de Castro e de Albuquerque, de Fernando de Magalhães e de Gil Vicente, de Soror Mariana e de Bernardim Ribeiro, de Miguel de Almda e de Pombal, de Fernandes Tomás e de Mousinho, de Herculano e de Sá Nogueira, de Passos Manoel e de Garrett, de Camilo e de Antero, de José Falcão e João de Deus.

E, acima de tudo, ela é a mãe do povo



português, do povo de Aijubarrota, das Descobertas, de Montes Claros, do Bussaco, da Terceira, da Rotunda, creador imortal de heroes anonimos, e de santos plebeus e pobresinhos que guardam ovelhas, semeiam serras, dormem nos eirados e falam com os anjos; do povo candido e cristão, amoroso, meigo, melancolico, impregnado de Deus e de natureza, tão abismado em sonhos e saudades, que, deixando gemer a alma n'uma frauta, é o maior lirico do mundo, o maior poeta de Portugal.

Eis o povo que fez nas terras de Santa Cruz a Patria irmã.

O Brasil não chegou a ser uma colonia. Foi logo nação, foi logo Patria: a nova Patria portuguesa, com novos heroes e descobridores, com novos santos e novos Orfeus, novas enxadas e novas liras.

O Brasil em 1645 ergue-se grande como Portugal em 1640, e a mesma fé que nos conduz á revolução, em 20, o arrasta á indepen-

dencia, em 1822. Abrasou-nos o mesmo ideal, ardemos na mesma chama. Fernandes Tomás e José Bonifácio, em vez de inimigos, eram irmãos. As nossas patrias desligaram-se, para melhor se casarem. Desuniram os corpos, para estreitarem as almas. Duplicando-se, quizeram-se mais. O amor cresceu em beleza porque aumentou em liberdade. Vivendo tão livres e distantes, fraternizamos hoje como nunca. Na gloria e no sonho, nos ais e nos beijos, no riso e na dor. Amando-nos através das ondas, vencemos o espaço. Amando-nos através da historia, vencemos o tempo que já foi. E, com a immortalidade do nosso amor, venceremos a morte, no porvir.

Quando Portugal, honrando duas alianças, a aliança humana e a aliança inglesa, entra na falange das nações heroicas que se batem pela causa augusta do Direito immortal e da Justiça eterna, sente-se forte, ovante, esplendoroso, porque leva na alma,

hostia sagrada, — a alma bemdita do Brasil.

Exaltemos em cõro imenso a Patria-irmã, aclamando Olavo Bilac, o seu grande poeta. Eu, beijando-lhe a fronte, beijo o Brasil no coração.

2 de abril 1916.



## NOTES SUR LA SUISSE

---

M. Guerra Junqueiro, l'illustre poète portugais, qui a représenté son pays à Berne comme ministre plénipotentiaire, veut bien nous envoyer les notes que voici. Nous les insérons non sans quelque confusion. On les lira avec une émotion profonde et une reconnaissance infinie.

*(Journal de Genève.)*

(FRAGMENT)



POUR moi, l'homme le plus grand, c'est le plus vertueux, le plus altruiste, le plus fraternel; et la nation la plus grande, celle qui réalise le plus de bien, c'est-à-dire le plus d'harmonie entre les hommes et entre les hommes et la nature.

En parcourant vos villes, vos champs, vos lacs, vos montagnes, en observant vos mœurs, en étudiant vos codes, en admirant le souple et ferme équilibre de votre organisme national, toujours le mot «harmonie» me revient aux lèvres, comme une synthèse de clarté.

Je n'ai jamais vu en Suisse ni la main tremblante qui demande l'aumône, ni la bouche cannibalesque qui blasphème, ni l'échine misérable courbée sous le fardeau, ni le regard terrible et suppliant de la victime innocente et malheureuse.

Chez vous, le droit est sacré, la justice est clémente et le crime est rare.

Vous aimez avec tendresse l'humanité et la nature, la femme et l'enfant, le nid et le berceau.

Dans vos écoles merveilleuses on enseigne la vérité, on donne l'instruction, mais comme auxiliaire indispensable pour la conquête du pain et de la vertu.

Vos croyances différentes, qui autrefois se persécutaient au nom des dogmes, aujourd'hui se rapprochent et collaborent au nom de la paix des âmes et du bonheur de la patrie.

Vous détestez la guerre, vous exécutez les conquérants, mais si l'on touche à votre indépendance, vous irez jusqu'à la mort pour la défendre. Le noble fusil de vos soldats, c'est une arme héroïque et religieuse qu'on peut présenter devant l'autel aux yeux d'amour de Jésus Christ.

Vous êtes un peuple extraordinaire, le plus individualiste et le plus national, le plus désireux de progrès et le plus attaché à la tradition. Votre radicalisme est conservateur et votre conservantisme est radical. Vous conservez à l'organisme de la nation tout ce qui est vivant, vous enterrez tout ce qui est mort, et les perfections nouvelles, avant de les inscrire dans les

codes, vous les créez dans vos âmes et dans vos mœurs.

Les citoyens farouches des peuples barbares disent toujours — moi. — C'est l'égoïsme violent, c'est l'anarchie. Les citoyens des peuples en décomposition disent humblement et lâchement — les autres. — C'est la servitude, c'est l'esclavage. Mais les vrais citoyens, comme les Suisses, disent tout ensemble, — moi et nous, ma liberté et mon devoir, mon foyer et ma patrie. Un pour tous et tous pour un. Votre devise.

Et cette harmonie splendide et souveraine, vous l'avez obtenue entre des races différentes et des éléments antagonistes, qui sont devenus complémentaires. Avec de la division et de la discorde vous avez produit la solidarité et l'amitié. Un miracle. Et d'où vient-il? Il vient de l'amour, de votre force morale, la force suprême de l'univers. Pour bien le comprendre, regardez la cons-



tellation flamboyante des 22 drapeaux de vos États. Ils divergent par les couleurs, par les emblèmes, par leur caractère et leur histoire. Mais qui les assemble, qui les enchaîne comme des frères? Voyez l'étoile miraculeuse, l'étoile divine qui est au centre. C'est le drapeau de la Patrie et le drapeau de Jésus-Christ: sur le rouge du sang et de l'aurore la croix éternelle de l'amour se découpe dans la lumière candide de vos neiges, dans l'extase idéale de l'innocence.

Et le drapeau chrétien de la Confédération, le drapeau de la Suisse (Schweiz) c'est le plus ancien de votre histoire, c'est le drapeau sublime de Schwytz. Avec une seule différence: La croix a grandi en devenant le cœur l'étendard.

Et, chose profonde, votre dernière constitution et votre premier pacte commencent adorablement par la même formule:— Au nom de Dieu— aujourd'hui. Au nom du

Seigneur — il y a six siècles. Et cette formule, elle est encore vivante, parce que chez vous même les libres penseurs ont l'âme religieuse.

Par la force du bien, par la volonté et par l'amour, vous avez fait le vrai miracle de votre civilisation resplendissante.

Berne 1913.

## NOTAS SOBRE A SUISSA

---

O snr. Guerra Junqueiro, illustre poeta portuguez que representou o seu país em Berne, como ministro plenipotenciario, teve a amabilidade de enviar-nos as seguintes notas. Publicamo-las não sem alguma comoção. Serão lidas com sentimento profundo e infinito reconhecimento.

*(Journal de Genève).*

(FRAGMENTO)



O maior homem para mim, é o mais virtuoso, o mais altruista, o mais fraternal; e a maior nacionalidade, a que realise mais largamente o bem, isto é: mais harmonia entre os homens e entre os homens e a natureza.

Percorrendo as vossas cidades, os vossos campos, os vossos lagos, as vossas montanhas, observando os vossos costumes, estudando as vossas leis, admirando o suave e firme equilibrio do vosso organismo nacional, a palavra «harmonia» acode-me constantemente aos labios como uma sintese de claridade.

Nunca vi na Suissa nem a mão trémula que pede esmola, nem a boca impura que blasfema, nem o misero dorso arquejando sob o fardo, nem o olhar terrivel e suplicante da vitima inocente e desditosa.

Entre vós, o direito é sagrado, a justiça clemente, o crime raro.

Amaes com ternura a humanidade e a natureza, a mulher e a criança, o ninho e o berço.

Nas vossas maravilhosas escolas ensina-se a verdade, professa-se a instrução mas como auxiliar indispensavel para a conquista do pão e da virtude.

As vossas diferentes religiões, que outrora se hostilizavam em nome dos dogmas, hoje aproximam-se e colaboram em nome da paz dos espiritos e da felicidade da patria.

Detestaes a guerra, execraes os conquistadores, mas se alguém atentar contra a vossa independencia, ireis até á morte para a defender.

A nobre espingarda dos vossos soldados é uma arma heroica e religiosa que se pode apresentar, deante dos altares, aos olhos amorosos de Jesus Cristo.

Sois um povo extraordinario, o mais individualista e o mais nacional, o mais ansioso de progresso e o mais intimamente ligado á tradição. O vosso radicalismo é conservador, o vosso conservantismo é radical. Conservaes tudo quanto está vivo no organismo da nação, enterraes tudo quanto morreu e criaes primeiro nas vossas almas e nos vossos costumes os novos aperfei-

çoamentos antes de os inscreverdes nos vossos codigos.

Os cidadãos ferozes dos povos barbaros dizem sempre:— eu. — É o egoismo violento, é a anarquia. Os cidadãos dos povos em decomposição dizem, humilde e covardemente:— os outros. — É o servilismo, a escravidão. Mas, os verdadeiros cidadãos, como os suissos, dizem conjuntamente:— eu e nós, a minha liberdade e o meu dever, o meu lar e a minha patria. Um por todos e todos por um. — Eis a vossa divisa.

E esta harmonia esplendida e soberana foi realizada por vós entre diversas raças e elementos antagonicos, que se tornaram complementares. Com a divisão e a discordia produzistes a solidariedade e o affecto. Um milagre! De que deriva ele? Deriva do amor, da vossa força moral, a suprema força do universo.

Para claramente a compreenderdes, contemplae a constelação flamejante das

vinte e duas bandeiras dos vossos Estados. Divergem pelas côres, pelos emblemas, pelo seu character e pela sua historia. Mas quem as associa, quem as enlaça como irmãs?

Vêde a estrela miraculosa, a estrela divina que está no centro. É a bandeira da Patria e a bandeira de Jesus Cristo: sobre o vermelho do sangue e da aurora, a cruz eterna do amor recorta-se na candida luz das vossas neves, no extase ideal da innocencia.

A bandeira cristã da Confederação, a bandeira da Suissa (Schweiz) é a mais antiga da vossa historia, é a bandeira sublime de Schwytz. Com uma unica differença: a cruz cresceu, transformando-se no coração do estandarte.

E, coincidencia profunda, a vossa ultima constituição e o vosso primeiro pacto começam adoravelmente pela mesma fórmula:— Em nome de Deus— hoje. Em

nome do Senhor — ha seis seculos. E esta formula vive ainda porque, entre vós, os proprios livre-pensadores teem uma alma religiosa.

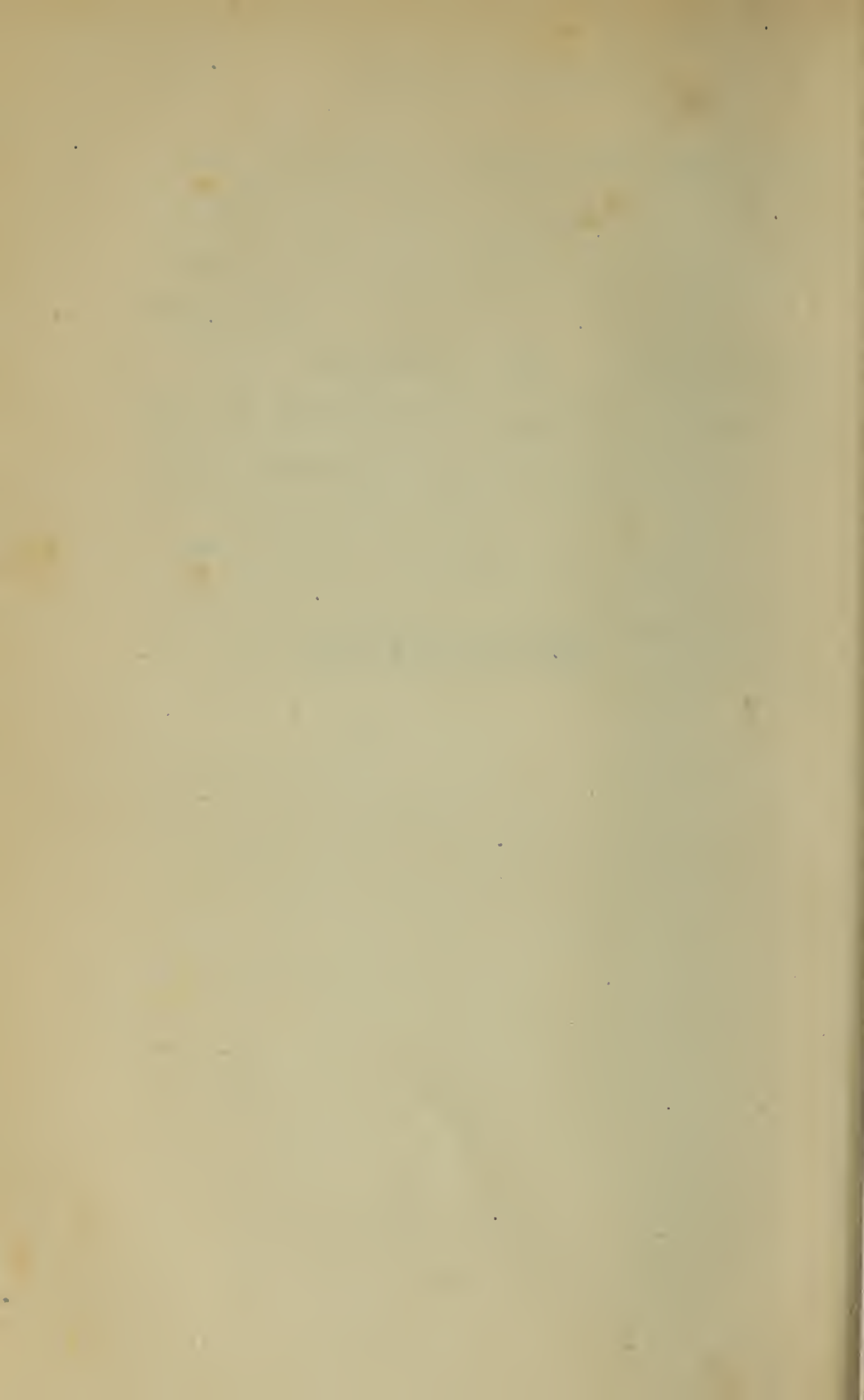
Pela elevação do bem, pela vontade e pelo amor, fizestes o verdadeiro milagre da vossa resplandecente civilização.

Berne, 1913.

*Trad. de João Gravz.*



EDITH CAVELL



Palavras de Miss Cavel  
ao capelão inglês Gahan,  
algumas horas antes de  
morrer 8 8 8 8 8

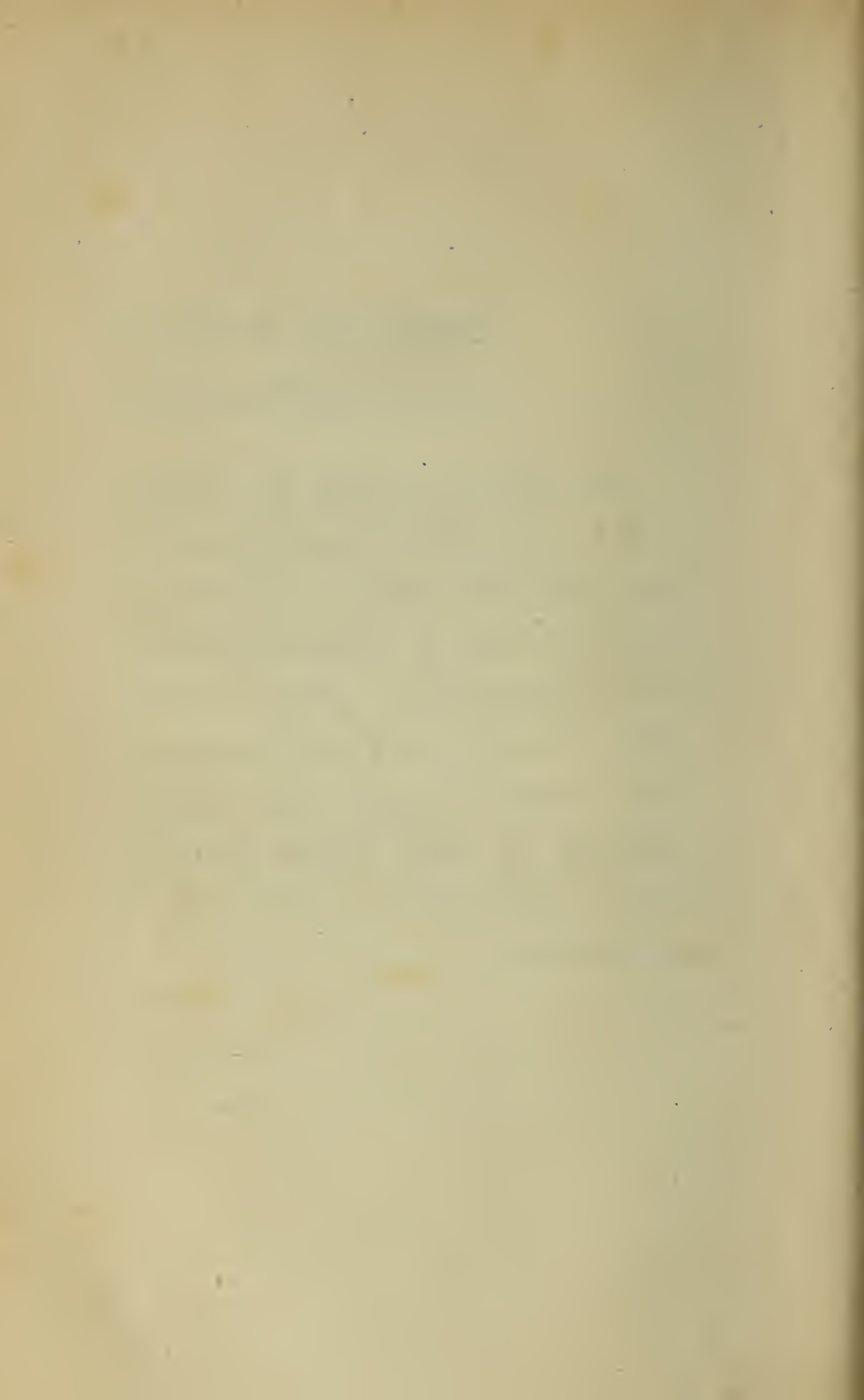
«Nada receio. Já vi a morte tantas vezes, que a não estranho, nem me assusta. Dou graças a Deus por estas dez semanas de tranquilidade antes de morrer. Passei continuamente uma vida agitada e cheia de obstáculos, e, por isso, este período de repouso o julgo uma grande mercê. Aqui foram todos bondosos para mim. Mas no momento supremo, em face de Deus e da eternidade, eu sinto e quero dizer aos homens que o patriotismo não basta: não devemos ter odio nem azedume para ninguém»



Palavras de Junius, no

«Eco de Paris» 8 8 8

«Em balde procurei nos jornaes alemães, que ultimamente tenho lido, uma frase, não direi de remorso nem de pesar, mas de simples embaraço ou constrangimento, sobre a execução de Miss Cavell. Um d'elles resume com frieza a opinião dos outros: «Quando se trata, d'uma sentença, não nos colocamos no ponto de vista subjectivo».



## EDITH CAVELL

---



horrendo assassinio de Miss Cavell pelo imperio alemão é já a crise delirante da ferocidade teutonica e demoniaca, o louco e pavido estrebuchar da bebedeira de sangue, orgulho e omnipotencia que fez da luminosa patria de Goethe e de Beethoven a caserna ciclopica e sinistra do Kaiser, de Krupp e de Bismarck.

Miss Cavell gastou a vida inteira nos hospitaes, cuidando enfermos piedosamente desde o raiar da alva até á noite, com

mãos de carinho e benção para os desgraçados que gemem, com olhos fraternos e celestes para os tristes que choram, com palavras de immortalidade e deslumbramento para as almas sem luz e sem guia que buscam Deus e o não encontram. E, se a existencia de Miss Cavell, dedicada aos que sofrem, á dor e ao amor, foi alta e foi bela, a sua morte crua e esplendorosa foi mais do que bela, foi divina.

Miss Cavell achava-se na sua patria, quando as hordas sacrilegas da Alemanha, enforcando o direito e apunhalando a honra, invadiram a Belgica. O heroico e sagrado holocausto d'esse pequeno povo, que é hoje, na ordem espiritual, um dos maiores do mundo, trespassou-lhe de angustia o coração e correu a Bruxelas, onde ha anos estava dirigindo virtuosamente, com pureza cristã, uma simpatica escola de enfermeiras.

Diante do drama horroroso e augusto



do martirio belga, escrito a fogo, a sangue e a lagrimas, por Deus e por Satanás; diante da *avalanche* execranda, esmagadora, inexoravel, arracando aldeias e cidades, igrejas e hospitaes, choupanas e palacios, queimando bibliotecas, estilhaçando monumentos, massacrando na debandada as multidões inermes, escarnecendo e fusilando sacerdotes, brutalizando mulheres, violando donzelas, n'uma raiva alcoolica e sangrenta de orgulho conquistador e canibalesco, sem respeito nem á virtude, nem á miseria, nem á velhice, nem á virgindade, nem á cruz de perdão do Nazareno, nem á hostia inocente dos altares; diante, emfim, do espectaculo sobre-humano d'um povo a bater-se pelo direito com a certeza prévia da derrota, sacrificando liberdade e vida á vida dos outros, á liberdade do mundo e á justiça eterna: a alma cristã de Miss Cavell ergueu-se instantanea, em supplica ardente, ao coração de Deus, e

de lá baixou iluminada e perfeita para a obra de amor e de renuncia, que teve o martirio como epilogo.

A dor, exaltando-a e sublimando-a, tornou-a heroica e fê-la santa. Move-se ainda no mundo, mas vive em Deus, esparge Deus, realiza Deus. E é então que a figura celeste de Miss Cavell atravessa imortal, n'uma onda de luz, aquela hecatombe demoniaca. Abrasada em amor e misericordia, dia e noite percorre os hospitaes de sangue, estancando golpes, curando chagas, aliviando tormentos, sem discriminar o soldado alemão do soldado belga, os ais do verdugo e os ais da vitima, porque a dor que implora é religiosa, e até a dos monstros ecoa em Deus e comove os santos.

Mas, além dos brados de angustia dos enfermos, chamavam-na ainda os cativos estóicos, silenciosos, os que pugnaram pelo direito e pela honra contra a iniquidade e contra a infamia. Libertá-los era um de-

ver sagrado perante Deus, e um crime de morte perante o Kaiser. A virgem heróica não hesitou um minuto: obedeceu ao dever, desafiando a morte.

Encarcerada e julgada militarmente, por dar evasão a prisioneiros, o acusador interrogou-a:

— É certo? É verdade?

Confessando, condenava-se. Podia mentir, podia iludir. Em transes desta ordem, a moral humana justifica dissimulações e subtilezas. A moral transcendente, a moral divina repele-as. O norte da existencia é o bem, o amor. O bem infinito, o amor infinito, chamam-se Deus. O homem sôbre-humano, o santo, engolfa-se em Deus, embebe-se em Deus, e inunda de amor e de piedade a dor eterna do Universo. E, se é necessario para chegar a Deus, acabar na cruz, indefeso se rende aos seus verdugos, e, crivado de golpes e de ultrajes, expira em Deus, abençoando e perdoando.

A alma de Miss Cavell pairava já, extática e radiante, na graça imortal da manhã divina. Santificara-se. E quando o bruto e barbaro juiz lhe perguntou se a acusação era exacta, se dera fuga aos prisioneiros, a mulher sublime, encarando os algozes, tranquilamente respondeu, como Jesus responderia: .

— É verdade.

Miss Cavell ergueu-se n'aquella instante á esfera mais alta e luminosa da perfeição humana. Tocou o zenite da virtude. Os anjos sorriram-lhe, Deus admirou-a, e o tribunal, em nome do Kaiser, em nome da lei e do Imperio, condenou-a á morte. Ficou serena. Ia morrer pela verdade e pelo bem.

A legação de Espanha e a dos Estados-Unidos intervieram inutilmente. O crime executou-se. Altas horas da noite foram buscar a vitima. Miss Cavell, andando, resplandecia. Exalava oração, deslumbramen-

to, vida eterna. Pela dor e pelo amor vencer a morte. Perdoara afrontas, injurias, iniquidades, e marchara em extase para Deus, levando no coração, como uma filha, aos ais e a escorrer sangue, a miseria dos homens e do mundo.

N'um pateo sombrio aguardavam-na os algozes — quatro soldados e o comandante. A alma divina da martir olhou-os sem odio e sem temor. Nem todas as forças brutas da natureza, voltando-se contra ela, a poderiam aniquilar. Mas, se a alma era invencivel, a carne estava exausta. O corpo da santa desmaiou. O official, concluindo a tragedia, estourou-lhe o craneo com duas balas. Assassinou-a placidamente, gelidamente, maquinalmente.

Pois o que era ele (estava-o dizendo a si mesmo) senão uma infima parte da prodigiosa maquina de guerra, a Allemanha inteira, organizada pelo Destino, em meio seculo, para a conquista ovante do planeta?

Maquina de morte e de triumpho que, ro- dando no globo, ia escravizá-lo, submetendo á hegemonia olimpica do Kaiser a alma das nações, o drama da historia, os fados do Universo. A Belgica louca resistiu-lhe, e ela esmagou-a como um verme. Contra o direito? Não. O direito é a força. O direito é o Kaiser, é Krupp, é Moltke, é Bismarck. O supremo direito é a suprema vontade da Germania. Porque o direito da Germania é o direito universal e o direito divino. A força alemã arquitetou-a o genio alemão, e o genio alemão creou-o Deus para dominar a terra. O Kaiser, super-homem, é um vice-Deus hereditario, e a Germania-Mater o povo augusto, o povo eleito, o Povo-Clarão, o Povo-Messias, que guiará na viagem do Eterno, através dos tempos, a dolorosa e infinita marcha da humanidade. É o condu- tor, é o Redentor. Mas, em vez de crucifica- do como Jesus, crucificará, sendo preciso, o mundo inteiro. O Deus da Germania é o

Deus dos exercitos, sem misericordia para os fracos e sem perdão para os rebeldes. O evangelho novo ha-de a Germania triunfante ensiná-lo aos homens, com a eloquencia arrebatadora dos seus canhões — os seus apóstolos. A ordem augusta vai fundar-se: Germania — imperatriz do mundo, Berlim — capital do Universo!...

Eis o que esteve sonhando, enquanto limpava e guardava o revólver cuidadosamente, o executor feroz da grande martyr. Depois bebeu, deitou-se e repousou como um justo. Lembrava-se tanto de Miss Cavell como se lembra um temporal d'uma folha morta.

Mas, d'essa folha morta, d'esse cadaver desprezado, radiou no globo instantaneamente uma luz imortal, onde milhões e milhões de almas se inflamaram, coruscando de dor e de vingança. Baixou inexoravel sobre a Alemanha patibular e execração do mundo. Ergueram-se heroes, levantaram-se

exercitos. E no infinito de Deus, na insondavel paisagem da eternidade, emquanto que a alma gloriosa da martir brilhava em estrela espiritual da constelação edenica dos anjos, a Alemanha rutila e soberba, a Alemanha ovante e formidavel, com todas as chamas do seu orgulho e todo o esplendor do seu imperio, não era mais do que um montão de larvas negras, de embriões de loucuras e de crimes, de fermentos sacrilegos, satanicos...

A justiça de Deus vai proclamar-se na terra. O monstro espantoso será desfeito e aniquilado.

.....  
.....

Barca d'Alva, Outubro de 1915.



# O MONSTRO ALEMÃO

ATILA E JOANA D'ARC



À FRANÇA HEROICA E REDENTORA

À MÃE SUBLIME DE JOANA D'ARC



# O MONSTRO ALEMÃO

ATILA E JOANA D'ARO

---



ISMARCK não foi um grande homem, um grande genio. Genio, quer dizer criação impetuosa de harmonia, criação magnifica de amor. O heroismo é genio. O heroe supremo é o santo. O santo, conquistando pela virtude o maximo de amor a que se eleva o homem, alcança e casa o maximo de existencia, o maximo de natureza, o maximo de vida. É no globo terrestre o mais prodigioso e puro unificador. O grande artista genial, quando a inspiração o deslumbra, ir-

mana-se com o santo. Toda a arte sublime é religiosa. O genio do Bem e da Beleza teem ambos a mesma essencia de infinito, o amor. Valem pelo amor que resumem, pela quantidade de Deus que incarnam e comunicam.

O genio do filosofo, estudando o universo e descortinando-lhe as leis, faz a historia raciocinada do amor, a teoria do amor. O artista e o santo geram e vivem o amor, espontaneamente, efusivamente, na acção e no extase. O filosofo descobre e encadeia os passos do amor, a marcha do amor, a victoria do amor. Os altos sistemas filosoficos resolvem-se, por natureza, em teologias. Um grande pensador é um teologo. Mas um grande artista ou um grande heroe é um taumaturgo. S. Francisco, Joana d'Arc e Beethoven fazem milagres.

O genio politico do homem de governo paira mais baixo. Ha-de amoldar-se, para se afirmar, ao corpo da nação. Não se amol-

dando, não se realiza. Os enxertos não prendem sem afinidade. Um belo ideal politico é uma quimera, se as energias nacionaes o não aceitam. Só os grandes povos teem estadistas grandes. O estadista de genio exalta e conjuga sinteticamente, equilibradamente, hierarquicamente, todas as forças vivas da nação, forças de riqueza e forças espirituaes, e eleva a patria, pela vontade comum, ao grau mais alto de harmonia e de amor que lhe é possivel atingir. E é quando a alma d'uma patria aspira ardentemente, e em vão, a um ideal soberano, que o genio do homem de Estado se revela com o seu poder maravilhoso. Tipo politico perfeito, — Cavour.

Cavour, unificando a Italia, engrandeceu-lhe o corpo e sublimou-lhe o espirito. Tornou-a mais forte, mais livre, mais bela, mais justa, mais heroica: mais italiana e mais humana. Todos os actos de violencia da sua obra se casam e se convertem n'um

circulo augusto de harmonia, n'um poema epico de amor. E a nobre figura genial destaca-se, robusta e luminosa, audaz e creadora, quer na perspectiva da patria, quer no horizonte da humanidade. Cavour é nacional e universal. Honrou a Italia e o genero humano. Fulge na historia, brilha no planeta. (1)

A unidade alemã encontrou em Fichte o seu Messias, o seu apostolo. Prégou-a com ardor, com entusiasmo, com eloquencia. O sonho de Fichte, absurdo e chimerico, á primeira vista explende nobreza, grandeza, generosidade. A raça alemã é a raça eleita, dizia ele, porque é a raça virtuosa, a raça humanitaria, a raça cristã por excelencia. Gerando amor, absorvendo Deus e espalhando Deus, diviniza o mundo. A sua alma é a estrela do Bem, o sol da Beleza, a luz

---

(1) A unidade da Italia não prejudicou a Igreja, fortaleceu-a. O poder temporal do papa era anti-cristão.



perpetua da Verdade. Todas as outras raças são grosseiras, são inferiores, porque vivem a vida materialmente. A alma alemã vive em ideal, vive em espirito. Unificando a Alemanha, constitue-se o reino de Deus, o reino de Jesus, para salvar e guiar a humanidade.

O evangelho de Fichte é um pangermanismo espiritual, mas que tem já em si, como veneno de morte em fruto d'ouro, a essencia do pangermanismo bestial do nosso tempo, o orgulho místico, desvairado, a megalomania louca e monstruosa. No idealismo e cristianismo de Fichte ha ainda um barbaro. No fundo da alma d'esse redentor dorme ainda um Atila. E é o barbaro que, despertando, conquistará d'ahi a meio seculo e unidade alemã.

Fichte ardia em quimeras. Mas a voz do apostolo sacudiu como um tufão as lavaredas gigantes daquele incendio de revolta, onde a aguia dominadora de Bonaparte

queimou as azas para sempre. O profeta replicava ao despota, como Waterloo ia replicar a Iena.

E, ao mesmo tempo que a Alemanha se emancipava de Napoleão, contagiava-se da alma da França, do espirito immortal de 89, criando em si um idealismo libertador e unificador, o sonho augusto d'uma grande patria, vivendo fraternamente com a humanidade.

Mas, ao ideal unitario e democratico oppunha-se ingenitamente o particularismo dos principes e dos nobres, dos velhos costumes e tradições. E, ao cabo de muitos anos de luta, a grande aspiração nacional, tornando-se por um momento irresistivel, e julgando-se quasi vitoriosa, abortava na inconsistencia anarquica e doutrinaria do parlamento de Francfort. E a unidade alemã, que os poetas e os apóstolos candidamente conceberam pela justiça e pelo amor, vai Bismarck, o Mefistofles, creá-la pelo fer-

ro e pelo fogo, pela traição e pelo crime, pela mentira e pelo odio. A obra de Bismarck resume-se n'isto: engrandecer a Prussia e prussianizar a Alemanha. A Prussia é uma caserna teologica. Exala furor, obediencia, dogma, hipocrisia. Tiranos e lacaios. O misticismo militarista da Prussia é o imperativo categorico do orgulho barbaro e sem lei. O prussiano é o vandalo feroz, automatizado e arregimentado. O ciclone educou-se e converteu-se em maquina. Fabrica-se por uma formula e desencadeia-se por um cronometro. Arraza uma nação, ordenadamente, implacavelmente, com a certeza algebrica. Conquistar e devorar, eis o movel eterno, o instinto directo da brutalidade organica da Prussia. Devora, mas não assimila. A França conquistou a Alsacia e tornou-a francesa. Depois de a abater, guardou-a no coração. A Inglaterra conquistou o Transvaal iniquamente, mas, dando-lhe a liberdade, seduziu-o, cativou-

lhe a alma. Hoje é familia inglesa. A Polonia prussiana abomina a Prussia, e a Alsacia e a Lorena, agrilhoadas, choram e sangram no cativoiro. A Prussia, odiosa, invejosa e rancorosa, só domina, esmagando. Ou faz vitimas ou faz escravos. Bismarck, engrandecendo-a, exaltou um monstro.

A obra de Bismarck é uma vertigem. Em oito anos, armou a Prussia até aos dentes, assaltou, como um quadrilheiro, a Dinamarca indefesa, atacou a Austria e derrotou-a. A hegemonia desloca-se de Viena para Berlim. O nucleo da unidade alemã está na Prussia. Á volta do planeta futuro, a Austria, humilhada, gravitará como um satellite.

Mas, a Alemanha hesita. Espiritualmente, a verdadeira Alemanha detesta a Prussia. O genio imortal da Alemanha chama-se Dürer, Leibniz, Bach, Goethe, Beethoven. É anti-prussiano porque é humano. A alma

da Prussia é esteril. Não cria Beleza, não canta na luz, não vive no universo. O seu ritmo lirico é a marcha mecanica e furi-bunda — *o passo de parada*. Caserna torva e burocracia militar.

A Alemanha não se juntou á Prussia contra a Austria. Bismarck avalia bem a natureza antagonica do espirito alemão e do espirito prussiano. Dois inimigos aparentemente irreductiveis como hão-de casar-se e harmonizar-se? Ligando-os pelo mesmo desejo indomito e frenetico, a unidade da raça, que acordará nas duas almas divergentes os mesmos impetos barbaros e ancestraes. Se a Prussia de Moltke e de Bismarck lhe der a unidade, a Alemanha de Fichte prussianiza-se. O sonho candente da vitoria submetê-la-há, enlouquecendo-a. Necessita-se uma Prussia forte e vitoriosa. Bismarck, o titan, encorpora-lhe o Hanover, o Nassau, Francfort, a Alemanha rebelde. É já um monstro temeroso. E depois,

com habilidade satanica, mentindo, atraindo, falsificando, desencadeia a guerra de morte com a velha inimiga secular, e arrasta electrizada a Alemanha inteira, avida de despojos e de grandezas, coruscante de orgulho e de ambição. Como havia de resistir á *avalanche* tremenda a França decadente do imperador sonambulo, a França de Morny e de Offenbach, de Olivier e de Le Bœuf? Bismarck esmagou-a e mutilou-a. A unidade alemã estava feita.

Bismarck, engrandecendo a Prussia, creou um monstro na Alemanha, e, engrandecendo a Alemanha, creou um monstro planetario. Intoxicou a Alemanha com a alma da Prussia, e, anexando a Alsacia e a Lorena, apunhalou estupidamente e covardemente a alma da França e da humanidade. A obra é gigantesca, mas infernal. O psicologo é prodigioso e o homem de acção, dominador. Realizou em poucos anos o ideal teutonico de muitos seculos, forjou com

mãos de ciclope uma Alemanha ovante, burrou as nações, desorientou os governos, aturdiu o mundo. Bismarck, que descende de Hegel, é parente proximo de Nietzsche. A filosofia de Nietzsche é o evangelho de Sata-nás. Bismarck executou-a. No fundo da Super-Alemanha de Bismarck ha o super-homem de Nietzsche. É o mesmo desejo amorral e desenfreado, a mesma vontade barbara e diabolica. O direito começa no desejo impio, e acaba unicamente onde a força acabou. Mede-se pelas garras e pelo alcance dos canhões. O super-homem é o super-monstro. Nietzsche desenvolve a teoria abstrata, no tempo e no espaço. Bismarck realiza-a, politicamente, na Alemanha. Nietzsche acabou doido, e a Alemanha satanica, creada por Bismarck, agita-se pavorosamente n'uma louçura infrene e colectiva que horroriza o mundo.

Não ha duvida que Bismarck combateu sem descanso o pangermanismo exaltado e

desvairado, porque via n'ele a morte do Imperio, a ruina futura da sua obra. Não o condenava como injusto, como infame. Idealmente era bom, era logico, mas praticamente, inoportuno. Bismarck, saturado de Machiavel, conhecia a obra que levantara e os perigos temiveis que a rodeavam. O pesadelo de Bismarck era o do criminoso: a justiça. Ha uma ideia que o não larga, que lhe rouba o sono, que o faz tremer: a coalisão. Sente que chegará, e que, mais cedo ou mais tarde, é inevitavel. Sim, inevitavel. Creou o monstro, deu-lhe o seu espirito, e o monstro gigante, ebrio de orgulho e de furor, hiperbolizando-se, dilatando-se, quer conquistar e devorar a terra. Ai d'ele, ai do imperio! *Finis Germaniæ!*

Bismarck reage, luta, admoesta, exorta, mas em vão. Tudo inutil. O capacete prussiano deformou o cerebro da Alemanha; deshumanizou-o, prussianizou-o, bestializou-o. O pangermanismo é o bismarckismo



integral, Bismarck levado á ultima potencia. Reventlow e Bernhardi incluem-se em Bismarck, como na flor a semente e na semente a arvore.

O destino da Alemanha prussianizada não podia ser outro. A obra de Bismarck, duas vezes infernal, pela alma do autor e pelo character da nação, tinha de conduzir o Imperio irremediavelmente á espantosa tragedia a que chegou. Bismarck não foi um grande homem, foi um grande prussiano. Na Alemanha imperial é um astro, na humanidade é um borrão de treva.

A Alemanha, unificando-se, pangermanizou-se. O orgulho mistico e brutal, guerreiro e voraz, latente no sangue, acorda e desencadeia-se com furia no pangermanismo bruto e dominador.

A essencia da alma de Bismarck e da sua obra é esta: Quem tem a força tem o direito. O direito mede-se pela força. Krupp é o jurisconsulto do Imperio.

O pangermanismo, filho de Bismarck, concluiu: A Alemanha é invencível. A força da Alemanha é ilimitada. O mundo pertence-lhe. Devoremos o mundo.

Bismarck creou o ciclone e quiz detê-lo. O ciclone varreu o gigante e proseguiu na marcha formidável. Para continuar a obra do semi-deus decrepito, do heroe caduco, o pangermanismo glorificou-o, ergueu-lhe altares, levantou-lhe estatuas, mas arrancou-lhe o poder. O titan, humilhado, bramiu oito anos furiosamente, satanicamente, na jaula de Varzin. Oito anos, até á morte, a espumar odio!

O kaiser juvenil, rutilante de orgulho, nimbado de gloria, frenetico de pompas e de grandezas, sucedeu a Bismarck. A Alemanha encontrou n'ele o Imperador ideal. O pangermanismo não era uma seita numerosa de visionarios e de fanaticos, era a Alemanha toda em corpo e alma, — o sangue, a carne, os instintos, os desejos, as

crenças, as ideias. Pangermanismo de teólogos e de filosofos, pangermanismo de sabios e de artistas, pangermanismo de industriaes, pangermanismo de agricultores, pangermanismo de comerciantes, radiando e convergindo para um centro unico,—o pangermanismo militar. Nas fornalhas de Krupp batia, monstruoso, o coração da Alemanha.

A Alemanha, eleita de Deus, governaria o mundo pelo terror. Seria uma escola imensa, um laboratorio imenso e uma fabrica imensa, á volta d'uma caserna descomunal. Trinta ou quarenta mil canhões de Krupp, a rodar no globo, prégaríam á humanidade, submetida, a cultura alemã e o direito alemão. O kaiser governaria o planeta. Berlim capital do universo!

E toda a Alemanha vivia misticamente, religiosamente, este sonho execrando de canibae, esta loucura negra e demoniaca!

O imperador sintetizou a Alemanha. Era nacional o seu orgulho despotico e fabuloso, o seu misticismo de caserna, truculento e barbaro, o seu mercantilismo cupido, avido d'ouro e de negocios, a sua cabotinagem pomposa, enfatica e ridicula, a sua estetica grotesca de caixeiro viajante imperial, a sua doblez de Iago debaixo do manto de Lohengrin, o seu maquiavelismo estúpido e desconexo, e, finalmente, a sua loucura sinistra, a sua demencia horrenda e vertiginosa.

O kaiser não era um louco individual, era a sintese faustosa da loucura alemã, da Alemanha em delirio. O Deus do Kaiser é o superlativo do kaiser e da Alemanha, é o kaiser absoluto, o Hohenzollern increado e creador, sem principio nem fim. A Alemanha invocando e adorando Deus, invoca-se e adora-se a ela mesma. O seu Deus é o seu infinito: o infinito orgulho, o infinito rancor, a infinita ambição, a infinita mentira, a

crueldade infinita, — Satanás. A Alemanha satanizou-se. (1)

Todas as energias ciclopicas do monstro alemão se distenderam para um crime: devorar o mundo. A Alemanha organizou em quarenta anos a mais estupenda maquina de guerra que os seculos teem visto. Com oito milhões de soldados obedientes e ferozes, um comando implacavel e matematico, uma artilharia de exterminio que arrasa cidades e fortalezas a sete leguas de distancia, uma esquadra gigante, e um bando de zeppelins vomitando fogo, a Alemanha grandiosa, a Alemanha unica, invencivel na terra, invencivel no mar e invencivel no espaço dominaria o mundo.

Mas as nações inquietas acordavam, a resistencia futura adivinhava-se. A Alemanha ia dar o golpe. Era certa a vitoria.

---

(1) O Satanás bismarkiano era Mefistofles. O da Alemanha actual é o Porco-Sujo.

A França, politicamente anarquizada, anti-militarista e malthusiana, debatendo-se em lutas de classes, e em odios religiosos, sem fé, sem unidade, sem governo, debil de corpo e alma, capitularia antes de um mês. A Russia, tenebrosa e sonambula, amorfa e selvagem, alcoolica e mistica, administrada por uma burocracia onnipotente e venal, de influencia alemã, não tinha organização, nem tinha exercito. Os revolucionarios e os polacos haviam de agitar-se. Sob a *avalanche* teutonica, o colosso branco ficaria esmagado. A Inglaterra egoista, pratica, utilitaria, seria neutra por natureza. Não podia intervir ainda que quizesse. O seu desmedido imperio teratologico, de frouxa coesão, de equilibrio instavel, desagregar-se-ia imediatamente. Revolução na India, na Africa, no Egito. Cartago não arriscaria nem um marinheiro nem um *schelling*.

O triunfo era evidente. A Alemanha,

sem hesitar, declarou a guerra. E n'esse dia espantoso, o mais negro da historia, de morte e horror para a humanidade, desabrochou na Alemanha ovante uma primavera d'almas e corações. Dia de jubilo sem termo, dia de apoteose e de milagre! O sonho barbaro de quinze seculos ia finalmente realizar-se. O clamor indomito do povo atroou os ares, nos olhos das mães e das noivas fulgiram lanças, os bardos cantaram, os teologos ergueram hinos ao Creador, os velhos, já inuteis, sentiram-se felizes, e o Deus da Prussia e dos Exercitos, o kaiser imortal que está no céu, deitou-lhes a benção da eternidade. E toda a Alemanha, demoniacamente, n'um furacão de orgulho e de vitoria, encarnou em Atila. Atila, mensageiro de Deus, Imperador do Mundo!

Mas a Inglaterra, em vez de abandonar a França, uniu-se-lhe logo, alma com alma, até á morte. A Alemanha esbravejou, fu-

ribunda: Que surpresa! Era uma traição, uma loucura... Tanto peor para Cartago, suicidava-se. Os guerreiros de Atila invencíveis, transpondo a Belgica livremente, em duas semanas esmagariam a França, conquistando Paris. Depois, em dois meses desbaratavam a Russia. Depois, o triunfo completo e vertiginoso, a humanidade nas garras da Alemanha, o mundo escravo de Berlim, o kaiser Imperador supremo do universo!

Como responderia a Atila o universo? Momento de angustia, divino e tragico!... A guerra espantosa ia dar o balanço ás forças moraes da humanidade.

A Belgica neutra invocou o Direito. Atila retorquiu: O direito é a minha espada, os meus canhões, o meu exercito. — E os tratados? — Farrapos de papel. — E a dignidade, a honra? — A honra é vencer e aniquilar o inimigo.

A *avalanche* teutonica, furiosa, inun-



dou a Belgica. A Belgica, violada, quasi inerte diante do monstro, podia submeter-se, protestando. A resistencia era a morte, a miseria, um mar de sangue, um mar de lagrimas. E a Belgica heroica, a arder em fé, bateu-se impavidamente pelo Direito com a certeza inteira da derrota. Deu-se, em holocausto 'de fogo, á Justiça imortal, á Verdade eterna. E, cruciada, martirizada, ensanguentada, ficou epica e grande n'um calvario, olhos em Deus, escorrendo estrelas, a alumiar o mundo. Não tardarás a descer da cruz, nação augusta, mais formosa e mais livre do que nunca!

As hordas barbaras, torrentes de ferro e fogo, avidas d'ouro e de conquista, assaltaram a França. O monstro da noite ia devorá-la, a doce França, a clara França gerada na luz, rainha da Ideia e da Beleza, senhora da Graça e da Harmonia. Heroica e dolorosa, combateria até á morte, mas era-lhe impossivel resistir áquela *avalanche* de

inferno, — hecatombe, devastação, pilhagem, carnagem bruta e saturnal. Atila, esquarterando a França, dominaria o mundo. Civilização, Justiça, Direito, palavras mortas. A Besta feroz onnipotente, e o genero humano escravo e desonrado. A noite da historia. O Anticristo venceria Jesus, e a aguia de batalha do kaiser pousaria, sacrilega, no elmo d'oiro de Atnêa. A França agonizava. O genio latino ia apagar-se.

E a França maravilhosa, n'um impeto de vontade arrebatador e creador, incendiou instantaneamente, vibrando-as ao infinito, em lavareda, todas as potencias da sua alma. Dez seculos de historia imortal correram-lhe nas veias, bateram-lhe no coração, inflamaram-lhe o espirito. Magnanimizou-se, sobreumanizou-se, chegou ao zenite de luz da vida heroica, tocou em Deus. E diante da barbara Alemanha, satanica e monstruosa, encarnada em Atila, ergueu-se, deslumbra-

dora e sublime, a França eterna, polarizada em Joana d'Arc! (1)

E a França de Joana d'Arc, n'uma batalha de milagre, conteve repentinamente, varada de assombro, a onda exterminadora e gigantesca. Milagre, sim: milagre de heroísmo, de razão e de fé, milagre do Povo de Joana d'Arc. A batalha do Marne, salvando a França, salvou o mundo. E depois, Verdun! Que prodigio!... Horas imensas, instantes sem fim, minutos de Deus!...

Esta guerra é demoníaca e santa. É a guerra da Iniquidade com o Direito, da Besta com o Espirito, de Atila com Joana d'Arc. Quem vence? Joana d'Arc. A espada fulgurante da Mulher-Arcanjo trespassará de lado a lado o coração do monstro. A Alemanha orgulhosa quiz dominar

---

(1) Toda a França, católica ou não católica, se polarizou em Joana d'Arc. Joana d'Arc é o símbolo augusto da Patria, a flor divina da raça.

a terra, e debaixo dos pés do genero humano, golfando sangue, uivará de dor (1). Ambicionou todas as pompas e riquezas do mundo, e ficará indigente. Sonhou a gloria imorredora, a gloria unica, e tem de expiar, de joelhos, através dos seculos, a immortalidade dos seus crimes.

Triunfa Joana d'Arc! Joana d'Arc, expressão culminante da França, encarna a patria, abarca a humanidade, convive com os anjos e perde-se em Deus. Triunfa na patria, porque a patria, que resgatou e que a gerou, é n'este momento a sua eucaristia verdadeira, a sua imagem epica e celeste. Triunfa na humanidade, porque dez povos heroicos combatem ao seu lado, a vitoria immortal não tarda a abrir as asas, e palpita por ela o coração do mundo. Triunfa no céu, porque da terra varada de dor, inun-

---

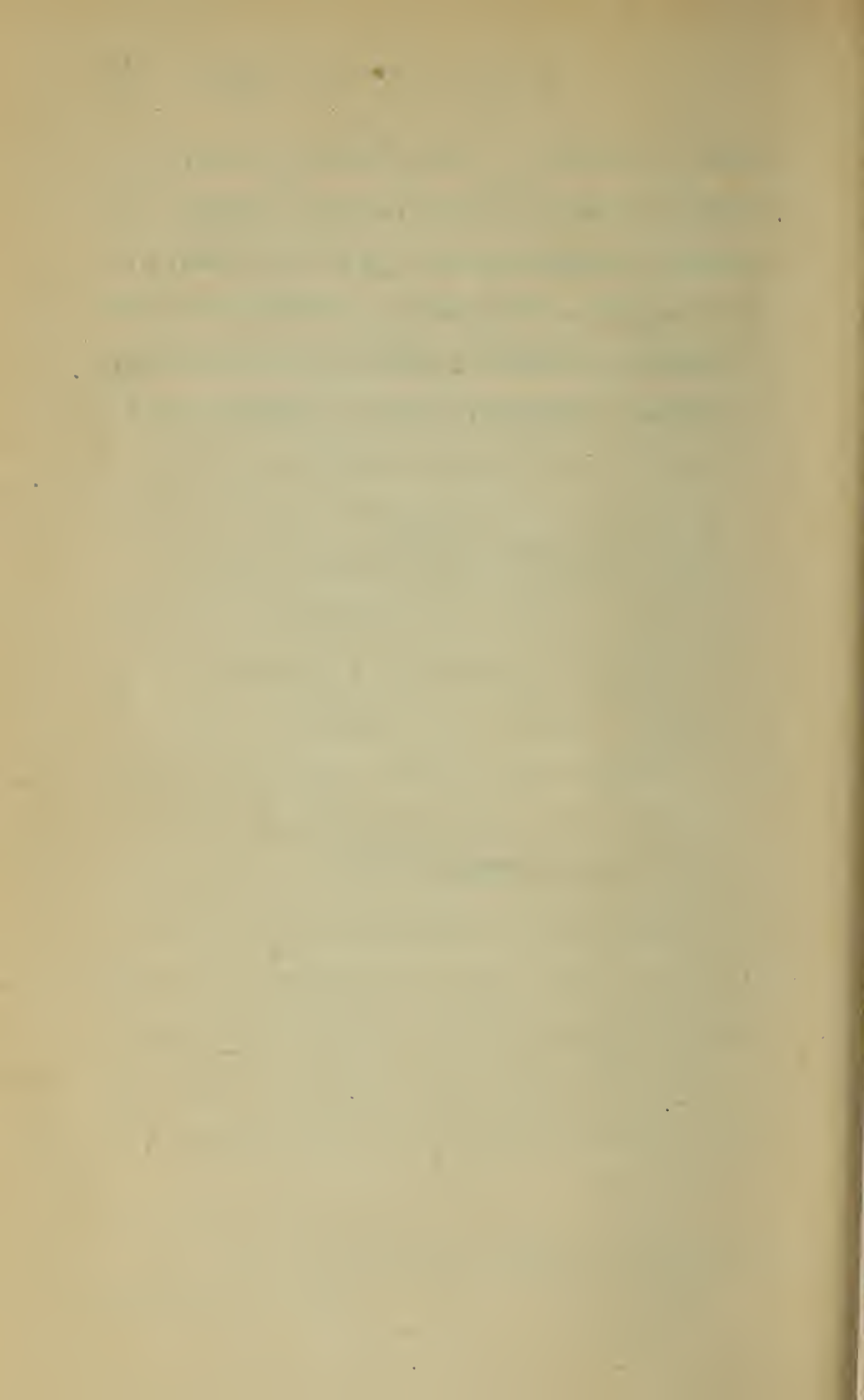
(1) O que aconteceria, se a resistencia da Alemanha determinasse a invasão.

dada de sangue e orvalhada de lagrimas,  
brotam lirios de fé, lirios de chama, das  
campas nascem cruces, das bocas voam pre-  
ces, os joelhos dobram-se, as almas rezam,  
e, cheias de infinita angustia, só encontram  
em Deus, — infinito amor, a infinita paz!...

.....

Barca d'Alva. Março de 1918.





## INDICE

---

	Pag.
O Sacré-Cœur . . . . .	5
Antero de Quental . . . . .	15
O Cantador . . . . .	27
Raul Brandão . . . . .	35
Sousa Martins . . . . .	67
Justino de Montalvão . . . . .	71
No centenario de Alexandre Herculano . . . . .	81
João de Deus . . . . .	83
Os Grandes Homens . . . . .	89
A festa de Camões . . . . .	95
Brasil-Portugal . . . . .	105
Notes sur la suisse . . . . .	113
Notas sobre a Suissa . . . . .	119
Edith Cavell . . . . .	125
O monstro alemão . . . . .	141





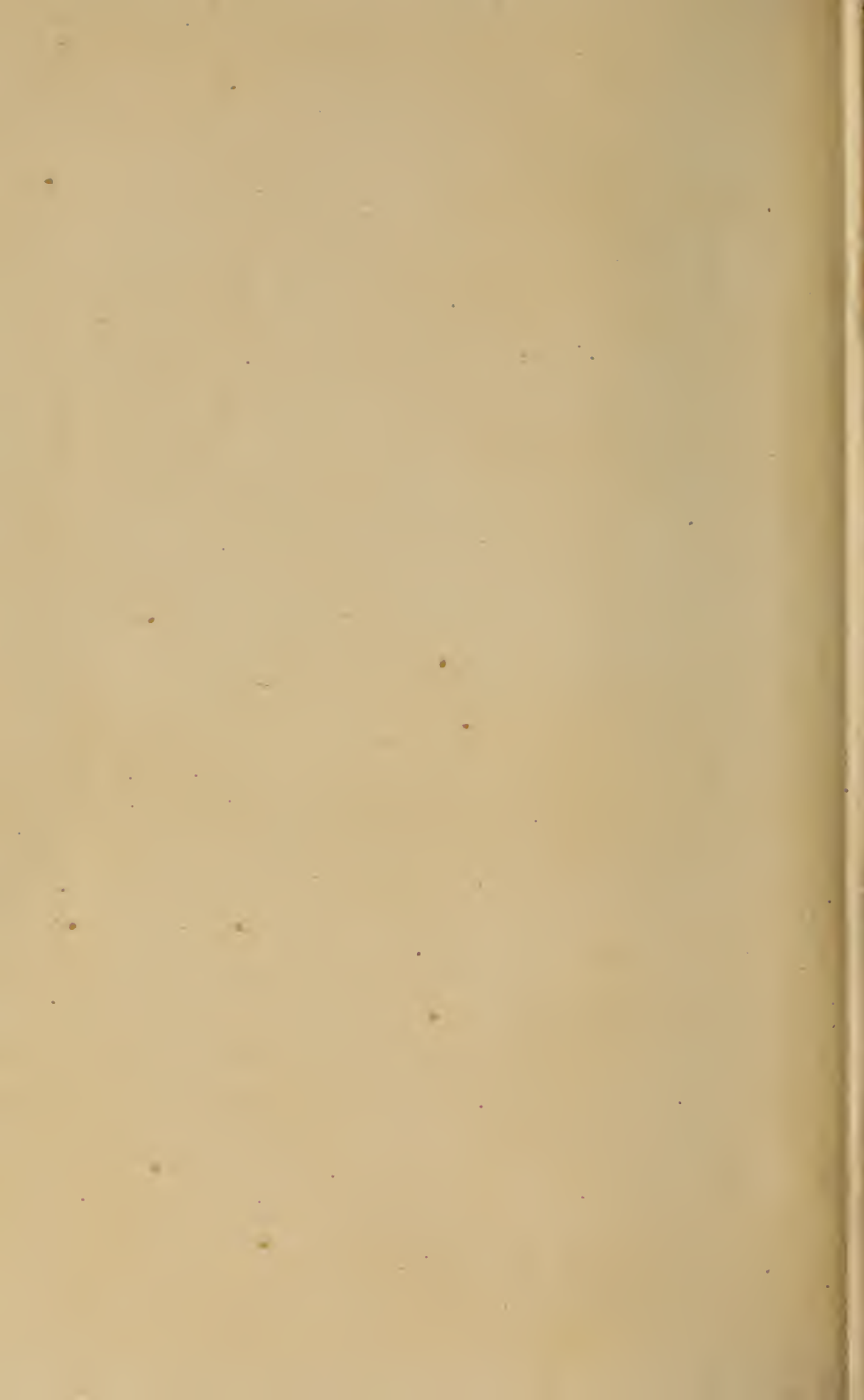












PQ Guerra Junqueiro, Abilio  
9261 Manuel  
G8P7 Prosas dispersas  
1921

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---



UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 05 25 03 006 3